

ORGANIZADORES

*Weber Firmino Alves, Magda Renata Marques Diniz
Joilza Xavier Cortez, Rafael Rubens de Medeiros
e Tacicleide Dantas Vieira*

Crônicas Salineiras



WEBER FIRMINO ALVES
MAGDA RENATA MARQUES DINIZ
JOILZA XAVIER CORTEZ
RAFAEL RUBENS DE MEDEIROS
TACICLEIDE DANTAS VIEIRA

Crônicas Salineiras



Natal, 2016

Presidente da República Michel Temer
Ministro da Educação José Mendonça Bezerra Filho
Secretário de Educação Profissional e Tecnológica Marcelo Machado Feres

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Rio Grande do Norte**

Reitor Wyllys Abel Farkatt Tabosa
Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação Marcio Adriano de Azevedo
Coordenador da Editora do IFRN Darlyne Fontes Virginio
Conselho Editorial André Luiz Calado de Araújo
Dante Henrique Moura
Jerônimo Pereira dos Santos
José Yvan Pereira Leite
Maria da Conceição de Almeida
Samir Cristino de Souza
Valdenildo Pedro da Silva

Esta edição contou com o apoio dos alunos: Ana Caroline Nôia Bezerra, Antônio Weigarty Leite da Silva, Felipe Oliveira Galdino, Isaías Amâncio dos Santos, Lígia Celly Soares Olegário, Lyllian Ramos da Silva Cruz, Paulo Henrique Santos da Silva, Renato Noronha das Chagas e Vitória Ellen da Silva Sousa.

Todos os direitos reservados

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha elaborada pela Seção de Processamento Técnico da Biblioteca Sebastião Fernandes do Campus Natal Central do IFRN.

C947 Crônicas salineiras / Weber Firmino Alves...[et al] – Natal : IFRN, 2016.
142 p.

ISBN: 978-85-8333-213-8

1. Literatura norte-rio-grandense – Crônicas 2. Crônicas brasileiras 3. Crônicas norte-rio-grandenses 4. Crônicas literárias – Macau, RN. I. Alves, Weber Firmino.

CDU 82(813.2)-94

DIAGRAMAÇÃO E CAPA Eriwelton Carlos Machado da Paz

ILUSTRAÇÃO DA CAPA Pedro Silva, Geisel Fernandes, Paulo Bezerra e Janilson Souza, Welley Leandro

FOTOGRAFIAS Magda Renata M. Diniz

REVISÃO LINGUÍSTICA Weber F. Alves, Magda R. M. Diniz, Joilza X. Cortez, Rafael R. de Medeiros e Tacicleide D. Vieira

CONTATOS

Editora do IFRN
Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol.
CEP: 59015-300
Natal-RN. Fone: (84) 4005-0763
Email: editora@ifrn.edu.br

Edição eletrônica: E-books IFRN
Prefixo editorial: 68066
Disponível para download em:
<http://memoria.ifrn.edu.br>

*Aos alunos do IFRN - Campus Macau,
porque nos tornamos viajantes da palavra: crônica(mente).*

APRESENTAÇÃO

Crônicas Salineiras constitui o volume de textos produzidos por alunos e professores de Língua Portuguesa do IFRN – *Campus* Macau e selecionados por esses mesmos “construautores” deste livro.

Tal projeto surgiu em 2014 quando a escola se inscreveu e participou da IV Olimpíada de Língua Portuguesa, promovida pelo Ministério de Educação. Na ocasião, a partir do genérico tema O Lugar Onde Vivo, além de outros gêneros textuais, deveriam ser produzidas crônicas que registrassem as particularidades locais a partir das vivências pessoais dos autores. Eram dados ali os primeiros passos para a consecução do objetivo maior: a produção de um livro com essas crônicas - feitas de sal, seja o sal da maresia típica do lugar, seja do suor ou das lágrimas de quem escreve e sempre derrama no papel um pouco de seu próprio eu.

O título do livro já remete à identidade da “cidade do sal”, como Macau é nacionalmente conhecida – por se localizar numa região produtora de sal marinho – que tantas vezes maravilha os olhos de quem não conhece pela imensidão de suas montanhas brancas. É, portanto, nesse solo que se frutifica a verve dos autores que aceitaram o desafio de desenhar seus olhares subjetivos em forma de crônicas.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
PREFÁCIO	11
PARTE I - O LUGAR ONDE VIVO	15
Meninos do Sertão	16
<i>Rafael Rubens de Medeiros</i>	
Macau, Neve de Sal!	19
<i>Tacicleide Dantas Vieira</i>	
Meu Tesouro Rural	21
<i>Paulo Otávio da Silva Ferreira</i>	
O Agulhão	23
<i>Caroline Tertulino da Silva</i>	
Lembranças	27
<i>Jucy Ellen de Lima Estevam</i>	
A Viagem	29
<i>Matheus Kelpy Antonio de Almeida</i>	
A Ponte	31
<i>Dimas Lopes de Araújo Júnior</i>	
A Cobra das Salinas	33
<i>Maria Thaisa de Lima</i>	
Os Cachorros pelas Ruas	35
<i>Mika Hakkinen Barbosa da Silva</i>	
Pequena Cidade	37
<i>Ana Beatriz do Nascimento Maciel</i>	
PETI - O Lugar Abandonado dos Que se Abandonam	38
<i>Luiz Eduardo Oliveira Moura</i>	
A Caminho da Parada	39
<i>Carlos Eduardo de Oliveira</i>	
Minha Terra Estimada	41
<i>Wilson Cleber Ferreira de Oliveira</i>	

Primeira Copa sem Minha Avó	43
<i>Renata Eloina da Costa Pereira</i>	
A Observar uma Garota	45
<i>Leide Carla de Santana Silva</i>	
Cidade e Bairro Onde Moro	46
<i>Leandro Henrique de Araújo Gomes</i>	
A Praia	47
<i>Maciel Lucas da Silva</i>	
Na Pracinha, Eu Era Feliz	48
<i>Rafaela Tavares</i>	
PARTE II - O TEMPO QUE PERCEBO	49
InVENTivo	50
<i>Magda Renata Marques Diniz</i>	
O Campinho	51
<i>Francisco Michel da Silva Rodrigues</i>	
O Último Jogo	53
<i>Matheus Rodrigues Alves</i>	
Infância Destruída	55
<i>Marília Dantas de Oliveira Barros da Silva</i>	
Meu Primeiro Carnaval	57
<i>Taynah Câmara Araújo</i>	
Pequenos Gestos, Grandes Efeitos	59
<i>Ana Karla de Moraes Peres</i>	
Somente Um Olhar	61
<i>Ingridy dos Santos Barbosa</i>	
Desespero Sistemático	63
<i>José Germano de Freitas Neto</i>	
Acorda João	65
<i>Helouisa Beatriz Carvalho dos Santos</i>	
A Felicidade	67
<i>Carlos Andriê Viturino da Silva</i>	

Um Dia Marcado em Minha Vida	69
<i>Francisco Genildo Souza de Melo</i>	
Por Isso Sou	71
<i>Carlos Augusto da Silva</i>	
Quando?	72
<i>Maria Beatriz Moura Ramos</i>	
Copa do Mundo no Brasil	74
<i>Jordânio dos Santos</i>	
O Primeiro Jogo	75
<i>Jordânio dos Santos</i>	
A Derrota na Copa	77
<i>Vitoria Antônia Pereira da Silva</i>	
A Melhor Surpresa	79
<i>Vitoria Antônia Pereira da Silva</i>	
Em Tempos de Brincadeiras	81
<i>Regiane Ester Rosendo da Silva</i>	
Minha Primeira Semana	82
<i>Félix Douglas Lima Ribeiro</i>	
A Dor de uma Saudade	83
<i>Francikelly Suianne Miranda de Sousa</i>	
Na Pequena e Tão Bela Cidade, Eles se Conhecera	84
<i>Glenda Thamyris Nunes Coutinho</i>	
PARTE III - O COTIDIANO QUE VEJO	86
Baculejo	87
<i>Weber Firmino Alves</i>	
Por Que as Pessoas Vão Embora?	91
<i>Joilza Xavier Cortez</i>	
Sufrimento Inevitável	93
<i>Williane Batista da Silva</i>	
Depoimento de um Drogado	95
<i>Felipe Esdras do Nascimento Silva</i>	

Uma Viagem Inesquecível	97
<i>Lucileide Julião Galvão</i>	
Sob Pressão	98
<i>Josihermerson Mateus Oliveira Santiago</i>	
Apenas Mais uma Crônica Sobre Crônicas	100
<i>José Félix da Silva</i>	
Como Ter Inspiração?	102
<i>Daniel do Nascimento Gomes</i>	
Depois da Esquina	104
<i>Felipe Oliveira Galdino</i>	
Sentindo a Dor	106
<i>Marília Souza de Oliveira</i>	
A Dor de um Adeus	108
<i>Laura Êmily Medeiros Cabral</i>	
A Morte de Neném	110
<i>Priscila Deise de Azevedo Bezerra</i>	
Amicóloga	112
<i>Pedro Vítor da Silva Melo Leonez</i>	
Amor por Vaquejada	114
<i>Alicia Barbosa do Nascimento</i>	
Desigualdade Social	117
<i>Leonilson Almeida de Lemos</i>	
O Crepuscular do Dia	119
<i>Fredson Silva de Souza Aquino</i>	
Na Festa	121
<i>Antônio Weigarty Leite da Silva</i>	
A Velha Casa Azul	122
<i>Barbara Liane Ribeiro Damasceno</i>	
O Menino da Minha Rua	124
<i>Erika Leticia Bezerra da Silva</i>	
O Charreteiro Que Não Falava Inglês	125
<i>Victorugo de França Nascimento</i>	

O Luar	126
<i>Laércio da Silva Rodrigues Júnior</i>	
A Crônica Sobre a Crônica	127
<i>Artur Merlin de Souza Andrade</i>	
“Talvez”	128
<i>Everton Elias dos Santos</i>	
Rebelião	129
<i>Luiz Felipe Carvalho</i>	
Apenas um Garoto	130
<i>Lorena Estephany Firmino da Silva</i>	
A Garota Que Amava Paris	132
<i>Marya Beatriz Costa de Melo</i>	
O Fracasso	133
<i>João Vitor Araújo Virgínio</i>	
Paixão de Carnaval	135
<i>Mariana Ferreira de Sousa</i>	
“Déjà Vu”	137
<i>Nicolas Queiroz de Araújo</i>	
Amizade à Primeira Vista	139
<i>Samara Cristina Santos de Andrade</i>	
Não é Força, é Fé	141
<i>Wênny Natally</i>	

ORGANIZADORES

143

PREFÁCIO

No Limiar do Viver, do Perceber e do Ver

Crônicas salineiras constitui o volume de textos realizados por alunos e professores de Língua Portuguesa do IFRN - *Campus Macau* e selecionados por esses mesmos “construautores” deste livro. O projeto, do qual eu também fiz parte enquanto professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira da instituição supracitada, surgiu em 2014 quando a escola se inscreveu e participou da IV Olimpíada de Língua Portuguesa, promovida pelo Ministério de Educação. Na ocasião, a partir do genérico tema *O Lugar Onde Vivo*, além de outros gêneros textuais, deveriam ser produzidas crônicas que registrassem as particularidades locais a partir das vivências pessoais dos autores. Eram dados ali os primeiros passos para a consecução do objetivo maior: a produção de um livro com essas crônicas — feitas de sal, seja o sal da maresia típica do lugar, seja do suor ou das lágrimas de quem escreve e sempre derrama no papel um pouco de seu próprio eu.

O título do livro já remete à identidade da “cidade do sal”, como Macau é nacionalmente conhecida por se localizar numa região produtora de sal marinho que tantas vezes maravilha os olhos de quem não conhece pela imensidão de suas montanhas brancas. É, portanto, nesse solo que se frutifica a verve dos autores que aceitaram o desafio de desenhar seus olhares subjetivos em forma de crônica.

A crônica, por si só, é um gênero textual que se caracteriza pela leveza, pelas tiradas de humor e pela liberdade poética. Lembro-me de certa vez ter perguntado a um professor de

Teoria Literária em meus primeiros anos de universidade o que seria preciso para escrever uma crônica. Sua resposta foi simples e enfática: sensibilidade. Hoje, lendo as crônicas que fazem parte do volume *Crônicas Salineiras*, percebo que de fato a sensibilidade é a substância essencial para o cronista verbalizar suas impressões, mimetizar seus sentimentos e partilhar suas experiências interiores.

A coletânea de crônicas aqui organizada é constituída sob três prismas de percepção: as nuances do lugar onde se vive e toda a carga de peculiaridades experienciadas; o embarque nessa locomotiva diária, que é o tempo que consumimos e que nos consome nas fatias abstratas do vivível; e as perspectivas do cotidiano apresentadas a nossos olhos dia após dia.

Para o cronista, os lances simples e banais da vida corriqueira, como uma paixão que se encontra na esquina ou uma viagem com amigos, são um vasto universo inteiro a sua disposição, como uma tela em branco que espera ansiosa pelas primeiras pinceladas de prosa poética com o único objetivo de compartilhar com o mundo um pouco de sensibilidade humana. Qualquer leitor experimenta um pouco dessa sensação ao passear pelas páginas de *Crônicas Salineiras* e embarcar nas imaginações ou nos registros do olhar de cada narrador.

Como já mencionado, o livro é dividido em três partes. Na primeira, intitulada *O Lugar Onde Vivo*, encontram-se as crônicas que abordam as peculiaridades locais de onde nasce ou habita cada eu-lírico; no meu caso, o sertão mágico e enorme onde eu perdia minha imaginação nos tempos de menino; no caso da professora Tacicleide Dantas, da neve improvável que hipnotizou seus olhos na Costa Branca Potiguar. É praticamente impossível não ser completamente tomado da mesma cartase do jovem cronista Paulo Otávio da Silva Ferreira, cuja alegria para descrever seu

Tesouro Rural se compara ao balançar do rabinho do bezerro que chega perto de sua mãe.

A segunda parte da coletânea, *O Tempo que Percebo*, é tomada de reflexão, com um teor que muitas das vezes se encontra entre o filosófico e o contemplativo. Em *InVENTivo*, a professora Magda Diniz parece nos fornecer conselhos para a vida, quando escreve aforismos como “escolhas são lutas próprias e sozinhas” ou “o tempo está em outro vínculo”. Ainda nessa parte do livro, somos transportados para tempos distintos quando muitas vezes só quem os habita é a saudade, as fotografias perdidas no labirinto da memória, como é o caso das crônicas: *Meu Primeiro Carnaval*, de Taynah Câmara Araújo ou *Um Dia Marcado em Minha Vida*, de Francisco Genildo Souza de Melo, ou ainda da belíssima crônica de Ana Karla de Moraes Peres intitulada *Pequenos Gestos, Grandes Efeitos*, que tem um sabor encorpado de ensaio sobre as emoções da existência.

Por fim, a última parte das *Crônicas Salineiras* é nomeada de *O Cotidiano que Vejo*. Nela, o dia a dia se transforma na ótica maior dos comportamentos humanos, das ironias e das incongruências da vida mas também da poesia das coisas que acontecem a nossa volta. Em uma dessas cenas cotidianas, o professor Weber Firmino relata-nos, em sua crônica *Baculejo*, um misto de sensações vivenciadas em um culto religioso de segunda-feira de carnaval, quando acontece uma inesperada abordagem policial a dois jovens negros bem perto dali. A professora Joilza Cortez, por outro lado, em sua crônica *Por que as Pessoas Vão Embora?* faz do cotidiano um caleidoscópio de saudades, como se o título de sua crônica fosse uma indagação a todos nós, para que percebamos que a beleza da vida encontra-se nas pequenas coisas. É também do cotidiano pessoal que Wênia Natally extrai a matéria para suas reflexões na comovente crônica *Não é Força, é Fé*,

fechando esta coletânea com uma reconfortante mensagem de amor à vida.

No limiar do ver, do perceber e do viver, é onde habita a essência do poético. O olhar do cronista sorve da existência a substância para se constituir e fotografa os momentos que por tantas vezes passam despercebidos a nosso redor.

O livro inteiro é um convite a um embarque. Sua missão parece ser a de seduzir o leitor para vivenciar a tarefa poética de ver o cotidiano e espreitá-lo com sensibilidade de cronista bem como de perceber o tempo e se convencer de que nele habitam muito mais do que datas ou ainda de pragmatizar a circunstância de viver nas esquinas de qualquer lugar para desenhar nelas um mosaico que expresse aquilo que lhes faz únicas, com a contagiosa curiosidade da criança que jamais deixou de sonhar ou do adulto que jamais deixou de sentir-se criança.

Campina Grande-PB, abril de 2015

Rafael Rubens de Medeiros

(professor, poeta e escritor)

PARTE I
O LUGAR ONDE VIVO



Meninos do Sertão

Rafael Rubens de Medeiros

.....

Nascer e crescer no sertão possui uma metafísica diferente de qualquer outro lugar do mundo. Porque o sertão é enormemente mágico, tão desafiador que parece que absorve tudo na poeira, mesmo as abstrações da imaginação de uma criança. Eu fui um desses “miguilins” de pele queimada no mormaço sertanejo e pensamento de além-horizonte.

Adorava ficar observando os galhos de jurema que se soerguiam e se entrançavam no horizonte como estivessem se abraçando. Para mim, era como se fossem pessoas que dançavam no oscilar da música, do vento. Meu olhar viajava...

Jamais tive um velocípede, uma bicicleta que fosse só minha ou um videogame. Meu irmão e eu improvisávamos com o que o sertão nos oferecia gratuitamente, como quengas de coco ou florações de pereiro que, ao secarem, pareciam filhotes de guiné de asas abertas...

Meu irmão tinha um lajedo de estimação. Eu achava fantástico, porque ele dizia que aquele lugar era, na verdade, a morada de sua sombra, que ele denominara de Turique. Por isso o lajedo chamava-se (isso mesmo, chamava-se) Serrote de Turique.

Minha casa ficava perto de um morro chamado Serrote Branco. Por algum tempo funcionou uma mina de barita por lá, mas eu era muito pequeno na época e não lembro direito do período das extrações de pedra. Só lembro vagamente de uns mineiros que passavam lá em casa depois do trabalho para beber água e meu pai sempre ficava conversando com eles. "Meu Bom" e "João Conrado" tinham aquela aura de herói meio quixotesco que só o

trabalho de sol quente do sertão dá. Porém, o que me chamava a atenção de verdade eram as enormes banquetas que ficaram por lá e que eu morria de medo de passar por perto. Amava me aventurar pelas outras partes do morro, passar pelo descampado que minha mãe chamava de "rasgo", que fora o lugar onde uma antiga barragem da família arrombara nos anos 80. Gostava de subir até o topo do Serrote Branco porque a vista de lá era panorâmica e incrível. Era boa a sensação de tocar nas pedras brancas que ficavam por lá; jamais esquentavam. Pareciam desafiar o sol. O sertão é mesmo indenominável.

Sempre achei a noite do sertão de uma beleza extraordinária, por mais que seja chover no molhado afirmar isso após Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco terem escrito "Luar do sertão". A lua branca, o canto dos tetéus e da mãe-da-lua, o grito revoltado dos caborés que rasgava a calma da boca da noite. O "friinho" do sereno que só o sertão possui. São sensações desenhadas na lembrança que jamais deixam de serem revisitadas. Confesso que de vez em quando bate uma saudade que faz o coração ficar pequeno, pequeno como eu me sentia quando caminhava nas veredas da "Caatinga Alta", do "Córrego dos Gatos" ou dos "Espinheiros", alguns dos lugares que habitavam minha infância e no meu entendimento eram do tamanho do mundo todo.

Meu melhor amigo se chamava Sérgio. Serjão. Era um menino bruto, meio doido, atrapalhado e assombrado por natureza. Serjão era mais forte e menos medroso do que eu. Morava por trás do Serrote Branco. Às vezes, vinha a minha casa ou eu ia à casa dele pra jogar bola no barro vermelho ou atirar de balleira. Por qualquer coisa, ele "pegava ar" e era bom sair de perto. Nós estudamos juntos desde a primeira série. Uma vez, um menino maior que nós dois começou a insultá-lo na volta da escola. Serjão calou-se. Calado ficou e começou a apanhar pedras

e encher a bolsa. Daí a pouco, deu o seu golpe fatal e calculista: arremessou uma pedra com toda a força que pegou o braço do menino e quase quebrou. Enquanto o menino chorava de dor, Serjão continuou calado enchendo a bolsa com pedras ainda maiores...

Sem dúvida, sua maior vitória foi no dia em que deu uma surra na própria bicicleta por ter sofrido uma queda no caminho de casa. Sem se importar com a dor que ficava nos pés, encheu de chutes a bicicleta, que, claro, fora a culpada pelo tombo no pedregulho quente... Hoje em dia, de vez em quando Serjão e eu nos encontramos e rimos juntos das aventuras e desventuras de nossas infâncias no sertão.

Quase vinte anos depois, eu lembro dessas peripécias percebendo que o tempo está passando tão rápido e nossas infâncias ficaram para trás. Mas o sertão é o inesquecível, é a tatuagem inapagável na essência do ser; ele continua vivo nos olhares de cada homem que teve seus primeiros dias rabiscados nas molduras das veredas sertanejas. Apesar da vida agreste, da agressão das estiagens e muitas vezes de muitas infâncias roubadas pela necessidade do trabalho precoce, “só os meninos do sertão é quem compreendem o sentido de catar estrelas e desenhar a própria solidão”, como dizem os versos da canção de Petrúcio Amorim imortalizada pela voz de Zé Ramalho. E eu sou apenas tão pretensiosamente mais um desses cuja infância ainda viva na lembrança tenta verbalizar com nostalgia a vida de um menino perdido no próprio sonho e envolvido na poeira do sertão de outrora.

Macau, Neve de Sal!

Tacicleide Dantas Vieira

.....

Macau, indiretamente, fez-me um convite para morar nela. Da lista de espera de um concurso, migrei para a de convocações e me deparei com esse destino e a mudança da “Cidade do Sol” para a “Cidade do Sal”. Para quem é de Letras, como eu, a transformação parece ínfima: nada mais do que o intercâmbio das vogais “o” (de sOl) e “a” (de sAl). Na verdade, só parece.

A vinda para Macau foi uma reviravolta na minha vida, um giro que ressignificou o rumo dela. Pessoas, histórias, cenários, desafios se combinaram numa miríade de experiências com certa cota de ineditismo.

A temporada aqui, embora genuinamente provisória, já legou memórias imperecíveis. Uma delas particularmente sinestésica e nostálgica: a imagem da neve. Da neve de sal.

De fato, é um tanto inimaginável neve na Costa Branca Potiguar. Mas, extraordinariamente, é o que há! Na minha interpretação, aquela espuma branca na borda do mar, dos dois lados da estrada que encontra a cidade, é neve aquecida pelo ânimo caloroso do lugar! O contorno da travessia, retrato legítimo do atravessamento do mar na cidade, é, mesmo para uma amante das palavras, indicionarizável.

Cedinho ou no fim da tarde, o caminho do trabalho à cidade, no vento que energiza as eólicas, impacta a percepção dos curiosos com a (suposta) neve que os recebe e que existe e resiste no calor varonil do sol imperioso da região.

Como um fenômeno que abraça a sensibilidade e a torna grata à oportunidade de conhecê-lo, a neve (de sal) reflete e

refrata a gente resistente que vive aqui. Ela me atravessa, leva-me ao entre-lugar, a um passado de terras frias, a um presente em terras quentes, ao futuro em terras ausentes.

Esse ir e vir, na estrada e na vida – ou na estrada da vida – guarda surpresas e saudades e pode transformar a mudança num portal entre a graça da criança e a seriedade do adulto. Em Macau, fui/sou daqueles que brincam para se aquecer na neve ou que a inventam justamente para (não) poder esfriar.

Meu Tesouro Rural

Paulo Otávio da Silva Ferreira

.....

E o dia amanhece no meu cantinho de chão. Acordo lentamente como todos os dias com o cantar dos pássaros, olho levemente pelas brechas da minha janela e vejo o exemplo de quem acha que a vida é só uma passagem qualquer, que nada de bom existe. Há tantos rios, tantas flores que seu aroma nos faz sonhar. Abro a janela e vejo um sol que brilha como um farol, as formigas que “lutam” em procura de comida para sobreviver.

Saio e vejo um homem, forte, maduro com sangue nos olhos de tanta força e coragem, lutando contra um obstáculo que a vida lhe deu – um acidente (bem, essa já é outra história) – esse é meu avô mas essa história tem um significado tão grande que o torna um herói, meu super avô. Daí percebo que ele representa pra mim um super-herói daqueles de desenho animado, que sempre está ali pra me defender. Como todos dizem ele é um vencedor. Vejo-lhe cuidando de uma terra que não é sua, mas que ele trata como se fosse. Já cansado dos anos de trabalho, o teimoso não desiste. Ele sempre será um exemplo.

Olho mais adiante, vejo o balançar das folhas, sinto o vento batendo em minha face. Ó que delícia! Um redemoinho natural. Vento esse que não sei de onde veio nem pra onde vai.

Percebo os animais que, já fartos de tanta comida, não sabem nem por onde começar. Antes de entrar para tomar meu café vejo o bezerrinho, recém-nascido que ainda tem dificuldades de ficar em pé. Ele sai escorregando até chegar perto de sua mãe, toma aquele leite que para ele é a melhor coisa do mundo.

E eu aqui, vendo tudo o que a vida tem de melhor para nos doar, e isso tudo não vemos através de um simples olhar egoísta e humano, mas interpretando o que o criador quis passar para quem estava apreciando. E ainda existe o lago as flores, os frutos. Ai, que lugar maravilhoso! Sinto tanta felicidade de ter um tesouro desse que minha alegria se compara ao balançar do rabinho daquele bezerro ao chegar perto de sua mãe.

O Agulhão

Caroline Tertulino da Silva

.....

Certo dia, pela madrugada, três pescadores estavam indo para a pescaria, já imaginando se iriam pegar muitos peixes. Eles ajeitavam as redes, pois precisavam se preparar para encarar mais um dia, e em suas casas ficavam as suas famílias com um sentimento de preocupação, pois eles podiam até não voltar. Sempre, antes de sair, eles rezavam e pediam proteção para realizar uma boa pescaria e trazer o pão de cada dia para seus familiares.

Aqueles três pescadores nem imaginavam que iriam ter um grande dia com muitas surpresas. Eles tinham por nome Luiz, Antônio e José. Faziam parte de uma reserva de desenvolvimento sustentável, e gostavam de pescar perto da costa, pois lá era um lugar de muita paz, onde nos fins de semana famílias iam passar a manhã e às vezes até o dia todo, um lugar, enfim, onde se podia escutar o suave canto dos pássaros, o barulho do mar e sentir o vento brando no rosto.

No dia da pescaria, José que era o mais velho e experiente, chamou Antônio e Luiz para lançarem a rede no rio Tubarão, e foram prosseguindo pescando tainhas, salema, sardinhas, ciobas e vários carapicus.

Depois de alguns minutos, Antônio já se sentia cansado e chamava os companheiros para voltarem para suas casas, mas também não queria descer na costa, porque morria de medo de enfrentar um “toró” de chuva, o que ele realmente queria era voltar pra casa. Ele, apesar do ofício de pescador, era muito medroso e, além do medo de chuva, pensava nos filhos que

estavam em casa à sua espera. Em suas inquietações, temia até não voltar, caso enfrentasse um toró de chuva, mas negava até a morte que tinha medo.

Luiz comentava baixinho com José:

– Antônio é muito é medroso, nem parece que é pescador.

– Ele é nosso amigo e devemos entendê-lo – José retrucava.

Antônio, por sua vez, nem ligava para a conversa, pois estava preocupado simplesmente em voltar para casa.

Mas, ao chegar perto da costa, onde eles iriam descer para descansar, Luiz, espantado, reparou pela primeira vez que a costa estava cheia de aero geradores que estavam ocupando boa parte da costa, e eles eram muito barulhentos, além de enormes. Luiz pensava:

– E agora, minha Nossa Senhora, como nós vamos sentir as ondas do mar, poder dar aqueles mergulhos que aliviam nossa mente, apreciar o sol nascendo por trás daqueles manguezais, sentir os raios solares que batem em nossa pele? Como vamos ouvir o suave canto dos pássaros?

José já tinha visto e dizia para Antônio e Luiz que aquilo era uma tremenda safadeza, pois não tinha cabimento que a reserva deles, o lugar onde moravam, fosse ocupada por “gigantescos ventiladores de metal”. Era assim que ele chamava os aero geradores, e depois de muita conversa entre eles, decidiram que não iriam encostar o barco na costa.

Naquele momento, o vento já estava forte e o tempo fechando, algumas horas se passaram e eles já estavam se sentindo cansados e querendo voltar para suas casas. Foi então que José e Luiz resolveram não lançar mais a rede no rio Tubarão, pois já iriam voltar pra casa. Mas como o vento já estava brando, Antônio quis dar mais um lance e resolveu jogar a rede no rio sozinho. De repente, quando ele foi puxar a rede, uma das partes

da rede se rompe e Antônio logo percebe que tinha peixe vindo e era dos grandes!

Rapidamente, Luiz e José começam a ajudá-lo e puxaram a rede, os três com toda força. Ao conseguirem colocar o peixe na “proa” do barco, ficaram todos surpreendidos com o que tinham acabado de pescar: era um peixe diferente, muito grande, com cores alucinantes, era um cinza brilhante, que tomava conta de todo o corpo dele. O peixe tinha por nome “agulhão”, mas não era um agulhão qualquer, era o maior peixe já pescado em Diogo Lopes. Eles então levaram o peixe para o rancho onde costumavam desembarcar os seus pescados.

Ao chegar, correram e chamaram alguns amigos pescadores e familiares que estavam lá por perto para ajudá-los no desembarque, os amigos ficaram surpresos e alucinados por verem um peixe que tinha aspectos muito diferentes: uma cor que brilhava ao olhar das pessoas, um tamanho que jamais tinham visto! Um peixe com aquele peso, as pessoas queriam saber como haviam pescado. Logo foram chegando vários curiosos que também gostariam de presenciar o fato, foram tirando várias fotos do peixe e com os pescadores também, pois eles também seriam lembrados, afinal, foram eles quem havia pescado o peixe gigante!

Chegou muita gente ao local dando sugestões sobre o que deveriam fazer com o peixe. Depois de muita discussão, chegaram a um acordo: iriam “empalhar” o peixe, para que outras pessoas pudessem ver e saber que em Diogo Lopes, apesar de vários problemas, também havia muito pescado, dunas, manguezal entre outras riquezas citadas pelos pescadores. Nunca iriam esquecer daquele momento que viveram, cheio de surpresas para aqueles três amigos, pois, mesmo com o medo da chuva, Antônio não parou de pescar, sabendo que dali tirariam o sustento.

Nos dias de hoje, porém, quando falamos dessa história, há grandes mistérios, muitas pessoas nem acreditam, alguns pensam que é só mais uma daquelas estórias de pescador, enquanto outros afirmam ter presenciado o tal momento. Ainda hoje, há muitos mistérios a se desvendar sobre este fato, pois existem vários relatos.

Lembranças

Jucy Ellen de Lima Estevam

.....

Estreita, com árvores, muitas casas. Seria assim que descreveria a rua em que morei, mas é um lugar tão especial que não lhe cabe uma descrição tão simples e incompleta.

A rua onde passei minha infância e hoje passo minha adolescência não é uma rua qualquer, é ‘a rua’, o lugar que foi palco de várias e várias brincadeiras, como cobra-cega, tica-tica, amarelinha, e outras tantas... algumas delas geravam cansaço, outras eram mais tranquilas, e ainda havia aquelas brincadeiras que nos uniam de tal forma, que mostravam que o verdadeiro sentido da amizade é “um por todos e todos por um”, como no romance de Dumas, e o melhor é que tudo isso sempre resultava em sorrisos largos. Eu e as outras crianças da rua passávamos a tarde brincando, correndo, caindo, levantando, ou seja, nos divertindo.

Não havia fome, cansaço ou sono que nos fizesse parar. A lei era se divertir e esse era nosso jeito, nisso éramos imbatíveis. Mas, com o passar dos anos, com a chegada da mais temida fase da vida, a adolescência, tudo mudou. Não ganhamos só alguns centímetros a mais, ganhamos responsabilidade e não éramos mais simples crianças.

A lei não era mais a diversão, tudo tinha mudado. Agora, nossos pais exigiam mais de nós, a escola exigia mais, a vida exigia. E a rua que anos atrás era palco de brincadeiras e gargalhadas, hoje era só mais uma rua qualquer, o que eu mais temia que acontecesse, aconteceu.

Não eram só as brincadeiras que haviam acabado, aquele espírito divertido e feliz que só crianças possuem, foi sumindo

pouco a pouco de mim e de meus amigos, hoje não resta mais nada. Tanto estresse para tão pouca idade. As prioridades mudam, as pessoas mudam, a vida muda e esse ciclo de mudanças nunca para, hoje sou a favor, amanhã serei contra.

Não sinto apenas saudade da antiga rua que era alegre, barulhenta e acima de tudo feliz, sinto saudades daqueles que um dia me queimaram na “queimada”, que me venceram no futebol improvisado, sinto saudades daqueles que eram meus companheiros fiéis nas tardes de brincadeiras, pequenos momentos, enormes saudades. Sinto saudades acima de tudo da minha infância, que passei nesta rua, nesta cidade, e este sentimento aflora todos meus sentidos e me faz sofrer.

A Viagem

Matheus Kelpy Antonio de Almeida

.....

De alguma forma, o lugar onde vivo é uma maravilha, um pedacinho de céu, é onde os pescadores acordam de manhã cedinho e dirigem-se ao cais em busca de suas canoas que por ordem das ondas do mar, balançam para frente e para trás de um lado para outro.

Lugar em que as mulheres varrem o lixo de suas calçadas e jogam conversa fora antes mesmo que o sol apareça para iluminar as ruas da pequena comunidade de Porto do Mangue. Jamais pensei em sair daquele lugar que parecia tão agraciado por Deus, que havia lhe dado dunas, rios e principalmente um lindo contraste de azul no céu que se juntava ao verde do manguezal.

Um dia, tive que me separar daquele lugar e de tudo aquilo que era bom nele, pois já estava na hora de seguir meu próprio rumo na vida, e para mim, que achava que minha maturidade já chegara precocemente, sentia que meu primeiro passo teria de ser dado logo. Iria viajar para uma comunidade de Macau que por sinal, era menor que a minha de origem. Passaria cerca de quatro anos em uma casa, vivendo em um lugar que eu simplesmente nem conhecia, uma ideia nada agradável, apenas para conseguir estudar em um colégio “de nome” do Rio Grande do Norte somente com a companhia de uma amiga que também passaria pela mesma situação que eu e por convite dela, moraríamos na mesma casa.

Os dias se passavam e a hora de partir já chegava, então me despedi de meus parentes e depois de uma viagem longa por estradas nada agradáveis, chegamos a uma vila e paramos em frente a uma casa enorme, cercada por pedaços de madeira que tentavam imitar uma cerca viva.

Forcei minha visão e percebi que alguém abriu a porta da grande casa e começava a dirigir-se ao carro que nós acabávamos de chegar. Era uma Mulher! Gorda e baixinha, vinha carregando em seu rosto um sorriso torto. Após nos receber, ela me levou junto com minha amiga para um quarto do lado direito de um corredor que tínhamos que compartilhar com sua filha. Eu não acreditava no que estava acontecendo e como estava um pouco cansado, me deitei em minha nova cama, porém ela pediu que fôssemos à cozinha e nos serviu o café da manhã. Poxa! Estava com muita fome! Um pouco inquieto, não demorei muito à mesa e me dirigi para uma varanda em frente à casa.

Tão cheio de vazios que fui dar uma olhada no local em busca de me preencher, vi apenas vegetação e uma estrada de barro que me levaria ao meu novo colégio, observei que o lugar era tão desolador quanto a minha solidão. Então, uma melancolia aflorou dentro de mim e me perguntei onde estaria o mar, o mangue, as gaivotas que voavam no céu, a brisa e principalmente, a alegria que só encontrava em meu pequeno mundo.

Ao amanhecer fui conhecer meu novo colégio, me senti uma formiguinha dentro de um castelo gigante, com pessoas totalmente diferentes das que eu já estava acostumado a conviver. Percebi que era desprovido de qualquer preconceito, pois vi pessoas com cabelos escandalosos e roupas bem esquisitas, comportamentos diferentes, posturas nunca vistas, mas tudo isso era o de menos, pois, na verdade, o grande desafio a enfrentar era permanecer ali dentro, estava rodeado de indivíduos com costumes totalmente diferentes dos meus e foi assustador, um verdadeiro trauma.

Tudo isso me fez refletir sobre como alguém pode se dar bem longe da própria família, dos amigos ou do seu aconchego. Para mim, tudo isso parece tão louco...

A Ponte

Dimas Lopes de Araújo Júnior

.....

A modesta cidade de Macau é conhecida como a terra do sal. Lá existem grandes empresas exportadoras de sal, por isso, vale uma fortuna. Apesar dessa mina de ouro, a cidade abrange bairros que sofrem com certa carência em relação à estrutura. Dentre as poucas estruturas, existe a pontezinha de Ilha de Santana, que servia de passagem para pessoas que viviam praticamente ilhados.

Ainda moleque, no começo da noite, tudo tranquilo, os garotos estavam jogando bola, quando a notícia chegou: a ponte caiu.

– Mas como assim? De repente, do nada! Todos ficaram impressionados.

Policiais, população, imprensa, até o prefeito, todos foram até lá pra saber ao certo o que tinha acontecido. Havia muitas possibilidades que levariam a ponte a cair, uns falavam que poderia ter sido algum barco que teria se chocado nela, ou pelo fluxo do rio, devido à barragem estar sangrando. Não tinha jeito, os moradores ficariam totalmente ilhados uma noite inteira. No mar, pouca tormenta, porém tanto dano causou. Os que estavam aqui estavam em casa, os outros que não estavam ficariam lá mesmo até que a prefeitura designasse algum barco para transportá-las.

Era de provocar pesadelos a imagem da ponte ali caindo, partindo-se ao meio. Os moradores atravessando de barco todos os dias; as crianças para estudar...; os adultos para trabalhar... O atraso devido à demora da travessia. Os moradores apreensivos e revoltados pensavam se iria ser sempre assim (...) atravessando de barco pra sempre.

Até o dia em que a notícia veio: uma nova ponte seria construída, mas não era uma simples ponte, essa nova teria um prazo de validade muito bem grandinho, seria uma ponte de concreto, dez vezes maior que a outra, era como comparar um gato a rato, um tubarão a uma sardinha, uma mansão a uma simples casinha. Era uma grande mudança, uma das maiores obras feitas na cidade.

Demorou, foram quase três anos de espera, atravessando em barcos, chegando atrasado à escola, deu tempo de crescer mais 15 centímetros, criar barba e amadurecer, mas aqui está uma mudança que nos tem ajudado até os dias de hoje.

A Cobra das Salinas

Maria Thaisa de Lima

.....

Era o início da tarde, e começou uma grande movimentação na cidade, ninguém ao certo sabia o que estava acontecendo. Depois de algumas horas, um “boato” começou a se espalhar “encontraram uma cobra em uma árvore dentro da delegacia”. Mas como assim uma cobra dentro da delegacia? Essa notícia causou espanto em toda a população.

O bicho se tornou o assunto do momento, várias histórias começaram a circular na cidade, muita gente falava que a cobra era enorme, que tinha uns três metros mais ou menos, parecia com aquelas que vivem no Pantanal, diziam que ela era capaz de engolir uma pessoa, outros falavam que ela era pequena, venenosa, mas que não matava, mas a dúvida que pairava entre o pessoal era como aquela cobra tinha chegado até a delegacia.

Surgiu boato inclusive que haviam sido os presos que estavam planejando um plano de fuga e usaram a cobra para poder tirar todo o foco da polícia e assim conseguirem completar o seu plano. Será que isso era verdade?

O delegado, que era novo na cidade, tinha um animal de estimação e todos falavam que ele tinha muito cuidado com o seu animal, mas ninguém sabia que animal era, na verdade. Seria a cobra o animal do delegado? Ela poderia ter fugido da gaiola para dar um simples passeio e acabou subindo na árvore para descansar, na verdade, ninguém sabe o que passa na cabeça de uma cobra...

Só sei que o bicho se tornou tão famoso que só uma crônica para imortalizar todo o drama vivido, ela se tornou parte da história daquela cidade, todos se lembram dela até hoje. Acredito que a qualquer momento ela ainda possa surgir para visitar seus amigos curiosos.

Os Cachorros pelas Ruas

Mika Hakkinen Barbosa da Silva

.....

Algo que sempre se percebe ao passar por alguma rua em minha cidade são os cachorrinhos passeando. São de todas as raças possíveis, de rua ou não, limpos ou sujos, animais indefesos que vagam pelas ruas e logo depois voltam para suas casas, como formigas que saem de suas tocas à procura de alimento. O que me chama mais a atenção são aqueles que não possuem um lar, um lugar fixo pra viver. Vivem jogados, muitas vezes sendo até maltratados pelas pessoas.

Certo dia, quando passava pelos arredores do centro da cidade, vi uma cachorrinha com uma de suas patinhas traseiras quebrada. Ela passou por mim, arrastando aquela patinha. Lembrei que tinha sido o mesmo animal que um ignorante passou por cima com o carro na patinha dela, como um condutor que passa com um trator por cima de um entulho qualquer jogado pela rua. Várias pessoas passaram pelo mesmo local, mas não estacionaram por terem visto essa cadelinha lá, deitada, então vem ele, com toda essa falta de sensibilidade, entra de vez na vaga de estacionamento, sem nem olhar, e atropela a cadelinha que sai sentindo dores e mancando. Uma verdadeira falta de respeito. O que custava ele prestar mais atenção? Ou até mesmo procurar algum outro lugar pra estacionar? Sei lá, talvez até tentar fazer algo pra levá-la e fizesse com que ela procurasse algum outro lugar mais seguro para dormir?

A população, não só da cidade em que vivo como de outros locais, também deveria se conscientizar de que os cachorros são mais fiéis e companheiros do que muita gente por aí.

As pessoas precisam entender que animais são como pessoas, só que ainda mais indefesos. Temos que ter paciência e cuidar deles. Fazer uma boa ação de vez em quando é sempre bom, não é mesmo?

Pequena Cidade

Ana Beatriz do Nascimento Maciel

.....

Aqui, no lugar onde eu vivo, não tem cinemas, não tem shoppings, não tem parques.... Aqui tem a tranquilidade, tem a brisa do vento batendo no rosto, tem o sorriso das crianças que brincam na praça, na praia, na rua, enfim, coisas que proporcionam um bom divertimento.

Pequena cidade... Só quem vive em uma reconhece o quanto é bom de verdade. Não por ter situações sofisticadas, mas por guardar lembranças e momentos de quem teve a oportunidade de vivenciá-los. Há quem goste e há quem desgoste, porém isso não muda em nada meu modo de pensar e meu jeito de viver. É aqui onde dou minhas belas risadas, que eu choro também. É aqui onde as pessoas que eu amo estão. Neste lugar, eu cresci e aprendi com cada queda; onde passei por momentos inesquecíveis: tanto alegres como tristes, que me fizeram a pessoa que eu sou hoje.

Não pretendo ser compreendida por estas palavras que escrevo aqui. Pretendo sim ser reconhecida como a garota que gosta de uma pequena cidade, ou melhor dizendo, de ser reconhecida como a garota que gosta de “seu lar”.

PETI - O Lugar Abandonado dos Que se Abandonam

Luiz Eduardo Oliveira Moura

.....

Na cidade de Macau-RN, especificamente, na rua Frei Miguelinho à noite, o pobre homem descansa no velho PETI.

Tempo frio... Com um simples colchão e um cobertor, esse homem de meia idade passa a noite na velha escola abandonada. Além de morador de rua, ele tem uma pequena deficiência em seu pé, sendo conhecido por todos da cidade como “Pepé”. Tem casa, tem família; só que usa drogas e acaba indo dormir naquele lugar todas os dias.

Essa escola ainda é usada pelo grupo de jovens: uns vão para jogar bola; outros, para usar drogas. Ninguém sabe qual é a verdadeira utilidade do lugar... Escola?... O PETI em si é uma escola abandonada que poderia ser usada de uma forma melhor, mas continua lá, parada e vendo no que e aonde vai dar...

A Caminho da Parada

Carlos Eduardo de Oliveira

.....

Todo dia a caminho da parada, noto os olhares das pessoas sobre alguém novo ou sobre alguém que passa pela cidade... Pessoas que vêm e vão para seus empregos; crianças brincando nas calçadas de suas casas e correndo de um lado para outro. Pessoas perdem muito tempo falando sobre a vida de seus respectivos vizinhos.

Ainda, a caminho da parada, observo o quanto algumas pessoas são descuidadas e não veem os carros passando. Noto também que alguns carros não respeitam as pessoas passando pelas faixas de pedestre. As mulheres com suas sacolas de compras passando por minha frente, obviamente, estão indo para suas casas fazer comida. Crianças indo às escolas com seus coleguinhas, tagarelando e brincando o tempo todo e em grupo.

Ao chegar à parada, vejo que passam vários caminhões carregados de diversas coisas. Ônibus passando e levando mais crianças às escolas; pessoas em motos sem capacete correndo riscos; carros “voando” por minha frente; pessoas atravessando a pista em direção ao bar, talvez, para afogar as mágoas em companhia da “loira gelada”.

Sento-me em um banco ao lado de um colega da mesma escola. Conversa vai e vem sobre vários assuntos em comum. Falamos sobre as aulas que tivemos, sobre como é o dia a dia da sala de aula de cada um, sobre tudo...

O ônibus chega e temos que ir... Ao entrar no ônibus, escolho um lugar e sento sozinho. O motorista segue seu caminho. Ele leva mais e mais pessoas em cada parada. Elas entram olhando os

lugares vazios em busca de um local só seu. Nem sempre sentam e conversam com quem está a seu lado.

Passado algum tempo, chegamos à última parada. A pessoa, que sempre eu aguardo, sobe, senta-se a meu lado, e recomeçamos nossa velha conversa de “tirar onda” com nossos amigos, para que o cotidiano não se torne monótono. Mais um novo-velho dia...

Minha Terra Estimada

Wilson Cleber Ferreira de Oliveira

.....

A tranquilidade, a simplicidade e a felicidade do lugar onde moro são fantásticas. Isso faz com que os moradores vejam ainda mais como seu lugar é de aconchego. Terra de nome simples, que nasceu de forma tão natural, graças aos pequenos peixes “galos”, que aqui existem. Este lugar chama-se Galinhos, onde tenho o privilégio de viver.

Aqui moram pessoas felizes, pessoas com um sorriso singelo estampado em seus rostos encantando todos e por todos os lados; que fazem do lugar o seu canto de repouso, como os pássaros em seus ninhos. Quando ando pelas ruas à tarde, vejo as pessoas em frente às suas casas jogando conversa fora com a família e com os amigos (como se não tivessem se visto há anos), para tornar o seu fim de tarde cada vez melhor.

É difícil não se apaixonar pelos encantos que aqui existem, meu caro amigo leitor. Dunas, manguezais, garças colorindo o céu, pássaros que cantam ao amanhecer, belíssimas montanhas de sal vão desenhando um cenário natural de tirar o fôlego de qualquer um. E quando chega o fim da tarde, ah..., o pôr-do-sol, verdadeiro colírio aos nossos olhos. O astro-rei se despede de todos, mas com a certeza de que voltará para iluminar o próximo dia. Como todo bom cavaleiro, ele se vai como quem diz: pode entrar, Sra. Noite!

Ao chegar a noite, somos convidados pela lua a ir à praça, onde as pessoas se encontram e tornam o espaço em um verdadeiro estádio de futebol. Sem falar que é maravilhoso poder sentir a brisa do oceano tocando o corpo, ouvir o harmonioso som do mar... Uma ligação direta com a natureza... É tudo tão incrível-

mente fantástico, que não consigo definir com uma legenda ou uma palavra... Apenas posso dizer que é algo indescritível.

Bem, é assim o lugar onde eu vivo, um perfeito paraíso. Nossos visitantes são bem acolhidos, levam consigo um pouco de nossa alegria e, em seus pensamentos, a imagem de um povo que sabe ser feliz. Quem sabe nessas voltas que o mundo dá, um dia não nos encontraremos por aqui, caro leitor, e bateremos aquele papo?

Primeira Copa sem Minha Avó

Renata Eloina da Costa Pereira

.....

No lugar onde eu moro, durante a Copa do Mundo, várias pessoas assistiram aos jogos, principalmente, aos do Brasil. Minha mãe colocou a televisão para fora da sala e sempre chamava muitos amigos para nossa casa.

Pude ver pessoas reunidas para assistir a vários homens correndo atrás de uma bola. Coitadinha dela: chutada para lá, chutada para cá. Nem recebe o merecimento de nada, porque, no final das contas, quem faz o gol é o jogador... Vi muitas pessoas ficando apreensivas por causa de cada chute. A cada gol, era um grito de desespero. Eu, ali, pude ver que eles não eram doidos, e sim que buscavam estratégias para serem mais felizes.

A cada grito, eu me assustava. Sei lá... Acho que era porque eu não sentia o mesmo que eles. Quando iam bater os pênaltis, o silêncio reinava no lugar. Quando aquela bolinha entrava no gol, parecia que criava vida... Todos gritavam e pulavam como se fossem crianças.

Eu ia vendo tudo isso e me lembrava que, nesse ano, era a primeira copa sem minha avó. Ali, eu não tinha motivos para estar alegre e não tinha nem motivos para sorrir. Na época da minha vovó, a gente se divertia muito, brincava, corria... Sei lá... Era mais divertido. Ela parecia uma jovem de 20 anos. A gente conversava muito sobre várias coisas. Aí, sim, era uma época boa. Ali, eu tinha motivos para sorrir e para estar alegre.

Entretanto, em algum momento do jogo, vi minha sobrinha pequena sorrindo e brincando, embora não compreendesse nada que estivesse acontecendo. Aquele sorriso não era falso; era ino-

cente; era sincero; até capaz de desarmar uma guerra. Aquele sorriso mudou minha maneira de pensar e até mesmo de agir a partir daquele momento. Pensei que tudo tinha sua hora e seu momento de acontecer. Então, isso me mostrou que temos que valorizar cada segundo, cada momento com as pessoas que amamos porque a vida não tem segundo tempo nem prorrogação.

A Observar uma Garota

Leide Carla de Santana Silva

.....

A caminho da igreja, vejo vários jovens juntos conversando e sorrindo. Não sei o motivo para tantas risadas e prossigo com minha caminhada.

Para encurtar o caminho, entro por um beco estreito e vejo uma garota sentada em uma pedra. Discretamente, olho para seus olhos, baixo minha cabeça e volto a olhar lentamente para seus olhos. Seu olhar expressava tristeza. Eu podia ver o vazio e a solidão profunda que aquela garota sentia em seu interior.

(Em pouco tempo que passei observando essa garota, lembrei-me de meu triste passado. Eu me sentia igual a ela. Sentia um vazio que me tomava inteiramente. Meu coração era cheio de tristeza. Procurava preencher esse vazio com festas, mas ainda assim nada me preencheu. Até que uns dois anos atrás, eu encontrei em um só ser tudo o que estava precisando: Deus - amor incondicional e amizade fiel).

Em pouco tempo, a garota levantou da pedra e saiu com a cabeça baixa. Não consegui dizer nada. Se tivesse falado com essa pessoa, seria isto: “Filha, uma única pessoa, dono de todas as coisas, espera por você. Deus é a única resposta que procuramos”.

Cidade e Bairro Onde Moro

Leandro Henrique de Araújo Gomes

.....

Eu nasci em uma cidade em que, quando criança, podia caminhar pelas calçadas sem temer. Hoje em dia, eu quase não saio na paz de tempos atrás. Os roubos começaram, os assaltos já não são mais sutis. Macau, cidade pequena, um povo acolhedor, um povo lutador que batalha no “sol quente” para ter o pão de cada dia.

Vivo em um lugar agitado, onde todo dia tem acontecimentos bons e ruins, cidade do melhor e maior carnaval do RN, cidade com muitas tradições, cidade boa de viver! Moro em um bairro povoado, bairro bem agitado, na maioria das vezes, acontecem coisas ruins.

Eu não estou nada contente com esses acontecimentos, mas há pontos bons também! Moro nesse bairro desde criança e sempre me dei bem por aqui... Acho que a tranquilidade e a paz reinam na rua onde moro! Sento na calçada como se fosse um pássaro e flutuo no ar como se fosse um príncipe, melhor do que estar correndo perigo pelas ruas de uma cidade outra... “A vida é mesmo assim, dia e noite, não e sim”.

A Praia

Maciel Lucas da Silva

.....

Minha fascinação por ela é uma imensidão. E pensar que é formada na mais tranquila e paciente espera. Foram necessários milhões de anos para podermos desfrutar de algumas horas do dia, no meu caso, de um bom feriado. Largo meus afazeres e presto somente atenção nela. O vento, que vem de lá, me traz uma felicidade que não encontro nesse lado de cá. Sua voz é tão linda que tem até concha que teima em imitá-la. Repare como ela é completa: o quente da areia, o frio do mar, a comida em fartura...

No começo de 2014, minha última ida à praia foi um dia inesquecível em minha vida: eu estava perto do mar quando escutei uns gritos... Um homem estava se afogando, e todo mundo que via a cena estava desesperado; totalmente sem saber o que fazer. Meu tio não pensou duas vezes e pulou dentro d'água para salvá-lo. Aquele momento foi muito difícil para mim, não só por que o homem estava se afogando, mas sim porque era meu tio que estava lá... O mar é muito perigoso... Eu torci muito para que saíssem logo dali e bem. Não se pode brincar com o mar. Depois do sufoco, ainda consegui aproveitar alguns momentos bons naquele dia.

Nunca me canso de falar dos ensinamentos da natureza. Tudo o que vale a pena deve ser cultivado na medida certa do tempo. O perfeito é criado sem muita pressa, tornando-se duradouro. Que assim seja meu amor por ela. Quente quando está perto, frio quando a saudade aperta. Alimentos de vários gostos e sabores. No final, eu posso prestar somente atenção nela...

Na Pracinha, Eu Era Feliz

Rafaela Tavares



Era fim de tarde quando me sentei na calçada da minha casa para descansar e fiquei observando as crianças brincarem na pracinha... Lembro-me do meu tempo de criança, dos meus amigos, das brincadeiras daquela época. Naquele tempo, queria ser adulto e hoje quero a minha infância de volta.

Brincávamos de correr, de tica-trepa, de chute no litro, tica-tica, queimada, de jogar bola. A bola que era vista como rainha nessa praça, todos a queriam. Tempo bom, bom de ser feliz, não tínhamos preocupações. A preocupação maior era se a mãe ia brigar ou se ia nos deixar brincar até um pouco mais tarde.

Mesmo com a vida corrida, paro para pensar que foi nessa pracinha que vivi meus melhores momentos; foi nesse lugar incrível que vivi quase tudo da minha vida; por aqui fiz amigos, encontrei amores. E pensar que antes eu só pensava em sair daqui. Hoje, vejo que aqui é meu lugar, o lugar onde vivo.

A vida se vive em ciclos. Um dia, eu e meus amigos vivemos nessa praça; hoje, são outras crianças; amanhã vão ser outras mais... Assim, vamos vivendo a vida... Só não devemos deixar de aproveitar cada instante dela, aproveitar cada lugar em que posamos estar.

PARTE II
O TEMPO QUE PERCEBO



InVENTivo

Magda Renata Marques Diniz

.....

De tempos em tempos, nossas vidas recebem imposições de que mudanças surjam. De recém-nascido para criança. De criança para adolescente [as crianças relutam para permanecerem aqui]. De adolescente para adulto. E sobre esta paisagem, eu paro [nossas escolhas são fundamentais para que vivamos bem (às vezes)].

Conta a lenda de que Bemaioir pediu ao Tempo – Senhor dos Destinos –, um acordo:

– Por ser tão inventivo, Sr. Tempo, organiza minha existência!

O Tempo não quis acordo, porém amenizou tentando acalantar:

– Ouve bem o que eu te digo. O prazer legítimo precisa de um movimento preciso. Os ventos não estão prontos ainda. Quando o tempo for propício, eu chegarei a ti.

Bemaioir continuou:

– Peço que meu espírito ganhe um brilho legítimo, que eu espalhe benefícios, que eu dê sentido a minha existência. Não encontro sentido para nada ultimamente. O que usaremos para isso ficará guardado em sigilo. Apenas contigo e comigo. Quando eu tiver conseguido o que quero, ainda assim, não contarei a ninguém.

O Senhor dos Destinos realmente pensou.

– Se isso acontecer, eu ofereço elogios aos ventos nas rimas de minha vida eternamente, insistiu Bemaioir.

– Espere um pedaço _____

Escolhas são lutas próprias e sozinhas. Algumas lutas, fim de guerra. O tempo está em outro vínculo.

O Campinho

Francisco Michel da Silva Rodrigues

.....

Numa manhã de sábado, ao nascer do sol pleno, às cinco e meio da manhã, a primeira coisa a ser vista era cortina da janela balançando com a brisa suave da linda e fria manhãzinha. Aquela poeirinha suave e fria batia em meu rosto para me acordar.

Quem por ali vivia, já imaginava os meninos brincando e, ainda, hoje, brincam no que restou do espaço daquele campinho. Aquele retangular e pequenino campinho era o ponto de referência da “Rua da Paz”. Era lá onde havia tudo a se desejar. Era onde a molecada batia peladinhos. Por ser marcante no lugar onde vivo, o campinho era “O Lugar”.

Ainda ontem, lembro-me de que cheguei da escola Municipal Maria Madalena de meio-dia em ponto e quis jogar bola no campinho. Até eu dizer “tudo bem!”. Quando fui jogar, sinceramente, a bola tornou-se vítima dessa ideia. Pisava pra lá, pisava pra cá, tombava em cima dela, jogava-a dentro dos espinhos, por trás do muro (coitadinha...). No mesmo momento, meus ouvidos eram perturbados com trovoadas de risadas. Adivinha?... O pessoal “caçoando” de mim.

Tudo bem! Por não me considerarem Ronaldinho Gaúcho, ainda saía ganhando, pois comigo havia uma dupla perfeita pra me ajudar: Pelé e Messi. Meus dois irmãos tinham a fama desta dupla de jogadores por serem os mais habilidosos. Pois é, nem Ronaldinho, nem goleiro, nem zagueiro, nem lateral, eu não saía do juiz. Jogar desde o início da tarde, até a hora que ainda dava pra ver a bola! Voltávamos pra casa com a areia do campo grudada junto com o suor em todo o corpo. Sem falar que a roupa estava

completamente encardida. Não deu certo jogar futebol. Brinquei de “pique” com meus primos e colegas. Dessa vez havia dado certo. Em meu mundo, “Pique” era meu futebol.

Certo dia, convidei meus colegas da quarta série para brincar no campinho. Brincamos até escurecer. Só que havia um problema... Minha mãe tinha me colocado de castigo. Eu tonto, sem pensar, entrei em casa na maior “cara de pau”, achando que ela não perceberia. Quando ela viu a marca registrada de sempre: areia vermelha nos pés e nas pernas, aí foi que o castigo aumentou! Uma semana sem pisar no campinho. De que a infância não é capaz?

Momentos maravilhosos naquele campinho de futebol, grandioso estádio de nossa infância, alegria de nosso tempo. Vários e felizes anos até que cada um seguiu seu destino, rumo ao futuro necessário e inadiável do restante de nossas vidas. Tempos bons que, infelizmente, não voltarão jamais. Somente persistem e permanecem gravados em nossas mentes, com muita saudade, inclusive, daqueles que já se foram para integrar novas equipes de futebol amador e outras de “pique” de um imenso universo.

O Último Jogo

Matheus Rodrigues Alves

.....

Jogar *videogame* em dias chuvosos, assim como o de hoje, me traz várias lembranças... Foi em um dia como esse que eu recebi uma das piores notícias da minha vida, se não a pior. Sofro até hoje ao lembrar. Por isso odeio dias chuvosos.

Às vezes, é incoerente, pois essas lembranças me trazem alegria, afinal, como não sorrir ao recordar do tempo em que meus amigos se reuniam aqui em casa para jogar aquela velha partida de futebol. Aquela velha rapaziada se reunia para jogar no meu velho e empoeirado Ps2.

Sempre aquela mesma turma: o Jonh, nosso ganha-partidas que, mesmo perdendo, não se cansava de zombar da gente e falar que nós não sabíamos jogar; o Lucas que sempre ganhava várias e estava sempre calado com seus pequenos olhos negros fixados na tela como se ele estivesse dentro do jogo em uma decisão de campeonato, exatamente nos pênaltis, em plano *Camp Nou* lotado; havia também o Marcão, o mais divertido entre nós, sempre de bom humor – mesmo com vários problemas familiares –, sempre sorrindo, não se importava se ganhasse ou perdesse, apenas queria jogar e se divertir; ao contrário, do Victor, que era muito estressado e odiava perder. E, no meio desses loucos, tinha eu. Nunca fui ótimo jogador como o Lucas mas também nem sempre me divertia. O bom era que gostávamos muito de apostar: de dinheiro até palito de fósforo.

Um tempo de boas lembranças, mas não foram sempre assim. Lembro como se fosse ontem: todo mundo ali no sofá falando muito, e eu e o Victor na frente da TV com duas cadeiras de plás-

tico. Então, recebemos a primeira notícia ruim: Victor iria morar em São Paulo com sua irmã. Nós ficamos arrasados, pensando em quem iríamos deixar estressado para poder dar boas risadas depois. Quem iria poder ganhar para o Lucas? E, acima de tudo, quem iria preencher o vazio de um grande amigo que eu considerava como um irmão mais velho? Ele teve que ir, e meu sofá da sala ficou com um espaço vazio à noite.

Alguns dias depois, o Marcão chegou lá em casa, meio sujo e com uma expressão nada feliz. Ele me contou que os pais dele tinham tido uma briga feia e, ainda por cima, o pai batera muito nele, expulsando de casa junto com sua mãe. Por isso, iriam morar, de aluguel, em outra cidade. Ele se despediu de mim e depois desse dia eu nunca mais o vi.

Depois de alguns meses, veio a pior notícia, que me deixa abalado até hoje: o Lucas foi diagnosticado com um problemão de saúde, um câncer de estômago..... John ficou muito abalado e chegou a ter depressão, da qual se trata até hoje. Eu me mantenho forte até hoje, mas tudo que me resta é uma enorme saudade de meus irmãos, várias lembranças do passado e meu velho e empoeirado Ps2.

Infância Destruída

Marília Dantas de Oliveira Barros da Silva

.....

Em um dia normal de aula, na minha velha escola, pode-se dizer até que em mais um dia de felicidade, após o intervalo, veio a notícia que acabou com o nosso dia: “A escola irá fechar”.

Não fecharia por um dia, mas para sempre! Iriam derrubá-la para construir uma casa de reabilitação para presidiários. A partir daí, começamos a ser consumidos pela tristeza, saber que não iríamos mais ver nossos colegas de turma, a pracinha que havia no centro da escola, pensar que não teríamos mais aquele ambiente amigável e acolhedor. Imaginar que perderíamos tudo isso quando nos mudássemos da escola. Germinava em nós uma onda de muita nostalgia, sem falar nos funcionários que não seriam os mesmos.

Avisaram-nos que poderíamos concluir o ano letivo e, só depois, fechariam a escola. Mesmo assim não conseguíamos nos comportar da mesma forma. As brincadeiras, os jogos, e o parque? Pra onde iriam? Era coisa demais acontecendo. Estava tudo tão confuso...

Naquele momento, passou um filme na minha frente: os momentos felizes, os tristes, as quedas, as festas, os amigos, aquilo seria o fim? O fim da minha infância?... Não dava para conter a emoção, e as lágrimas escorriam mesmo sem querer. Recusava-me a aceitar aquilo. Não era para estar acontecendo isso!

Lembro-me do meu primeiro dia na escola: todo mundo estranho. A única pessoa que eu conhecia era meu vizinho, mas nem tinha tanta amizade com ele. Eu não tinha amigos naquele lugar, porém não era a única solitária ali. Quando entrei na sala, havia uma garotinha magra, baixa, sentada no canto da sala, sozinha.

Fui até ela e comecei a conversar, afinal, assim como eu, ela também não tinha amigos ali.

Os anos foram se passando e uma amizade cada vez mais forte aumentava, pois passávamos o dia quase todo juntas brincando, conversando e estudando. O lugar que a gente mais gostava de ficar era no parque da escola. Hoje não tenho mais contato com ela, mas fomos grandes amigas por um longo período.

Bom, agora são só lembranças, lembranças dos amigos, das brincadeiras e, principalmente, da minha escola. Ainda tenho a imagem dos pedreiros chegando e derrubando tudo, acabando com toda uma história. Um aperto do coração... Não pude fazer nada... Não pude impedir.

Hoje, olhar para aquele lugar é nostálgico. Lágrimas ainda escorrem, e o coração aperta, fica pequenininho. Minha escola sumiu. O que ficou de pé só possui resquícios daquele amado lugar, hoje fico com a saudade da felicidade advinda do passado, extraídas das coisas simples, das relações pessoais saudáveis. Sinto-me como se minha infância tivesse ali começado e ali mesmo tido seu fim.

Meu Primeiro Carnaval

Taynah Câmara Araújo

.....

Quando eu era criança, ficava louca quando chegava o mês do carnaval. A casa enchia de primos, tios,... Tudo organizado para os esperados quatro dias de folia.

Como eu era muito nova, minha mãe não me deixava ir para a folia. Eu ficava muito triste. Houve uma vez em que meu pai colocou umas tábuas lá no telhado e fomos para lá, pois o trio passava bem pertinho de nossa casa. Era no tempo de bandas famosas como *Aviões do Forró* e *Garota Safada*. A cidade parava durante esses quatro dias. Todo mundo melado. A gente olhava lá de cima: parecia um bando de formigas de tanta gente que havia.

Eu gostava da casa cheia de gente, porque quando eles estavam lá me levavam para passear, por isso quando chegava a hora de irem embora, eu chorava. Enfim, depois de pedir tanto, minha mãe me deixou ir. Como era minha primeira vez, ela estava muito preocupada e dizia a todo tempo: “Olhe! Você não saia de perto de seus primos, não solte a mão deles”.

No começo fiquei assustada, pois estava diante de uma multidão. Todo mundo melado, um imprensado danado, um bate-bate. Mas deu para curtir. Pulei, dancei, gritei, foi uma experiência única.

Ao chegarmos em casa, lá vem o interrogatório de minha mãe. Ela ficou muito preocupada, porque ela tinha olhado lá de cima e não dava para identificar ninguém de tanta gente que tinha. Ela tinha medo que eu me perdesse de meus primos.

Finalmente, fui crescendo e comecei a ir ao carnaval com meus amigos. Minha mãe foi liberando, mas sempre ela dizia “tome cuidado”, aquele velho e bem-vindo clichê que toda mãe diz.

Pequenos Gestos, Grandes Efeitos

Ana Karla de Moraes Peres

.....

Na expectativa de assistir à sua performance, fixo meus olhos naquela menina: tão doce, de pele alva, com o rosto coberto por cores angelicais, vestes de fada que claramente se enxergava a felicidade saltando para fora de seu corpo a cada sorriso disfarçado de satisfação que ela transmitia. Tudo isso era facilmente notável.

A noite estava agradável, a música clássica ecoava como um canto de passarinho por toda a parte e meus olhos não se desviavam dela. Ao vê-la subir no palco, pude sentir seu coração pulsando forte, dificilmente eu saberia descrever aqui o emaranhado de sensações que estavam acontecendo naquele momento, então sorri. Seus passos e seus sentimentos estavam sendo expostos em perfeita harmonia. De tão leve, mal pude perceber quando acabou e agora eu podia ver seus olhos brilhando como estrelas a cada aplauso caloroso recebido.

Lançando meu último olhar para ela, retirei-me dali. Ao sair, li o seguinte cartaz que dizia: “As pessoas vão sair daqui com emoções e é disso que precisamos na vida”. Comecei a pensar nas pequenas coisas do dia a dia que até então eu não veria com os mesmos olhos. Além de apenas ver, é preciso enxergar as coisas simples e entendê-las para que se possa viver de maneira sábia as complexidades da vida.

Agora, com uma nova visão de mundo, concluo que não é preciso de muito para ser feliz. Quando olhamos para algo pequeno, graças à nossa limitação visual, não conseguimos enxergar a grandeza que aquilo pode ter, por isso é preciso saber observar e absorver as coisas boas, de preferência.

– Obrigado, pequena grande menina!

Seriam as minhas mais sinceras palavras daquela noite que só agora faria algum sentido.

Somente Um Olhar

Ingridy dos Santos Barbosa

.....

Num dia frio, em uma biblioteca situada na rua mais calma da cidade, onde há casas e uma pequena pracinha em frente, ocorre uma cena: uma jovem vem saindo de dentro da biblioteca com um livro em sua mão.

Andando depressa, esbarra em um garoto, não muito alto, com cabelos pretos e bagunçados. O livro cai no chão e ele logo se movimenta para apanhá-lo. Ainda abaixado, olha para cima e vê aquela jovem garota dos olhos castanhos claros, cabelos compridos e com um jeitinho apaixonante. Ela olha no mesmo momento, e os olhares se encontram. Ficaram ali, parados por um pequeno tempo, como se estivessem congelados, paralisados, encantados um pelo outro.

Depois de alguns segundos, aquela encantadora cena se descongela, e ele muito educado devolve o livro da garota e sai sem dizer nada, como se somente aquele olhar bastasse. Ela, que estava apressada, esqueceu-se da hora e ficou parada olhando o garoto ir caminhando pela rua, imaginando como seria se tivesse trocado algumas palavras, ou pelo menos ter perguntado seu nome. Ela pensou que poderia conhecê-lo... Perdeu a oportunidade de ter tido uma amizade duradoura.

Algumas semanas depois, naquela mesma biblioteca, a jovem vai devolver o livro que tinha tomado por empréstimo. A bibliotecária pergunta se gostou do livro, e ela responde com um sim, esticando os olhos pelos corredores da biblioteca como se estivesse à procura de alguém.

A bibliotecária, que havia presenciado a cena de outrora com aquele silêncio que só as bibliotecárias possuem, percebeu que ela estava procurando o garoto. Aproveitou o ensejo e disse que ele não esteve lá, mas que depois do dia em que se encontraram, sempre vinha no mesmo horário à procura dela. Somente nos últimos dois dias que ele não havia visitado o local.

Ela se sentiu culpada por não ter frequentado mais a biblioteca... Talvez, teria visto novamente; talvez, o encontro se repetisse, tantos “talvezes”... Imaginou um encontro mais agradável. Conversariam durante horas e quem sabe aquele momento fosse o segundo de muitos que estariam por vir. Gostou tanto daquela troca de olhares, e ficou triste porque, provavelmente, não iria acontecer um novo encontro.

A cena toda em si foi simples. Um clichê mesmo, mas aconteceu de uma maneira que deixou marcas tanto para eles dois que viveram a cena quanto para os que acabaram de ler esta história.

Desespero Sistemático

José Germano de Freitas Neto

.....

Quando se vê que tudo está acabado, à beira da destruição e que não se pode mais voltar atrás, o que as pessoas fazem? Desistem, admitem o erro e tentam corrigi-lo. Mas algumas pessoas tentam redirecionar isso a outras tentando fazer com que se abafe a sua culpa. Até funcionaria, caso não estivesse provada, por diferentes modos, a sua *culpa*.

Tentar se esconder dos problemas é o mesmo que fechar os olhos à realidade, fazendo com que haja uma crise em si mesmo. No governo atual, a cada denúncia, há mais medo por parte de quem está envolvido do que das pessoas que sofrem com isso. A cada notícia sobre problemas do governo, mais o governo tenta negar e tenta passar a ideia de que é uma mentira porque seu desempenho é perfeito.

Até quando nós, as pessoas mais importantes e fundamentais para quem trabalha o governo, vamos esperar mudanças por parte dos líderes? A cada 4 anos, há apenas novas discussões e nenhuma solução. Muitos falam “vamos mudar o país”, mas somos nós quem o mudamos, como foi nas “Diretas Já”, quando fomos às ruas atrás dos nossos direitos e os conseguimos. Então, por que não fazer agora? Medo de perder o que não temos, se quando houve uma das revoluções mais populares contra o governo não ficamos com medo de perder o que não tínhamos. Por que não fazer agora?

Provavelmente, o maior problema do ser humano é que ele acha mais importante o bem-estar próprio e não liga para a vida dos outros. Nossos “representantes” ficam 4 anos no poder

(3 deles vivendo uma vida boa, 6 meses de campanha eleitoral para si mesmos e outros políticos e o que sobra para nós?). Muitos falam: “o governo está horrível”, mas não fazem nada para mudar... “Pior cego é aquele que não quer ver”. Quando a 2ª guerra mundial acabou, o presidente Getúlio Vargas (considerado pai dos pobres, como Dilma) começou a mostrar interesse pelo socialismo a ponto de dividir o país (como está atualmente). Depois de várias brigas e discussões, a parte capitalista pediu ajuda aos militares para tomar o poder e tirar o presidente socialista do poder.

A história está quase se repetindo. Governo mostrando posições socialistas e os militares indignados por terem independência, mas não podem fazer nada quando culpam um de seus integrantes. Quando há um assassinato e um policial envolvido, as pessoas caem em cima querendo seu sangue e o governo ainda piora dizendo que foi uma atitude errada e outras coisas mais. Quando os militares se revoltarem e tomarem o poder novamente para si, o brasileiro vai aprender que somente quando se apanha, se aprende a não fazer o errado tantas vezes seguidas porque não veem a “verdade” de ambos os lados. Parte politicamente complicada!!

Acorda João

Helouisa Beatriz Carvalho dos Santos

.....

O dia mal tinha começado, eram cinco horas da manhã, todos ainda estavam dormindo, havia um grande silêncio que nem os pássaros ousavam quebrar. Mas, de repente, uma barulhada toma conta da cidade, vários estouros de fogos de artifício, ao mesmo tempo, quase como uma sinfonia, indicando que aquele dia seria especial.

Eu acordei, mas fiquei bem quieta, nem me dei ao trabalho de abrir os olhos, deitada ainda sonolenta na cama e enrolada dos pés à cabeça, fiquei simplesmente escutando aquela sucessão de estrondos e pensando o porquê de todo aquele barulho.

E, mergulhando nesses pensamentos, lembrei-me de quando era criança, quando esses barulhos me causavam pavor, fazendo com que eu me abrigasse nos braços de meus pais, querendo proteção, ainda desconhecadora de que a vida, assim como os fogos, explode em nós.

Voltei ao presente e, ainda ouvindo os fogos, me veio à mente a beleza e o significado daquele dia: era 24 de junho, dia de São João, conhecido como santo festeiro, dia de se fazer fogueira, comer canjica, bolo de milho e manjericão. “Vem São João, vem ver essa comemoração, acorda João!”.

O “Acorda João” veio me lembrar de que não era só mais um dia, mas que esse dia é uma dádiva, é vida explodindo e irradiando alegrias, vontade de levantar e fazer tudo com mais amor, um “acorda João” em mim, nos meus desejos e anseios de ser plenamente feliz.

E se outrora aqueles barulhos me assustavam, agora me deixavam imensamente alegre, pois todos os dias deveriam ser celebrados assim, afinal, cada dia é um presente, uma nova história para se contar, algo novo para se viver.

A Felicidade

Carlos Andriê Vitorino da Silva

.....

Era uma linda tarde de domingo e os olhos do mundo estavam voltados para Fortaleza, de modo especial para a arena Castelão, que servia de palco para mais um espetáculo que disputava uma vaga nas quartas de final, México x Holanda. De um lado, a grande massa mexicana empurrava os jogadores rumo à vitória, do outro, milhares de apaixonados apostavam no triunfo holandês. A cada minuto que passava, o coração dos fanáticos batia mais forte, no sofá de casa sempre havia lugar para mais um.

Enquanto todos estavam a ponto de explodir de tanta ansiedade, seu João e sua sutileza passavam despercebidos na tranquilidade do seu mundo, ele acariciava a grama que se vestia com um verde encantador e, com sua velha enxada, parecia não dar a mínima importância ao que estava acontecendo. Percebi que estava cansado, pois seu rosto já estava coberto de suor, como se tivesse tomado um banho naquele instante. Apesar de já estar com seus 78 anos, seu olhar expressava a alegria que uma criança sente quando está brincando.

Ele parou por um tempo, sentou na sombra de um coqueiro e permaneceu sentado lá por um longo período, parecia estar apreciando o céu que se enfeitava com um tom alaranjado ou mesmo contemplando o canto do inconfundível sabiá, que comandava a orquestra dos passarinhos, até que se levantou, pegou sua enxada, deitou-a carinhosamente em seu ombro e saiu caminhando tranquilamente, enquanto a brisa suave e macia batia em seu rosto e lhe servia da mais rica toalha para enxugar o suor que ainda banhava sua face. Ele assoviava

mansamente, como quem se despedia daquele grande palco que formava a natureza.

Foi diante de sua expressão calma e serena, sem me falar uma palavra e com toda sua simplicidade, que eu percebi que a felicidade não se encontra apenas em grandes festas e diversões com os amigos, mas também em pequenos momentos como esses, pois naquele momento muitos estavam felizes em assistir à grande partida de futebol e ele, por estar contemplando a natureza. Talvez seu João não estivesse lá porque precisasse e sim porque gostava de estar a sós com a sua enxada, a natureza e sua imaginação.

Um Dia Marcado em Minha Vida

Francisco Genildo Souza de Melo

.....

O dia nasce, os raios do sol que penetram a janela despertam meu sono. Parecia um dia comum, os pássaros cantavam e brincavam por entre as árvores. Levantei e fiquei prestando atenção à sutil natureza. Entretanto, um barulho distante tirava minha atenção... Olhei para o lado e vi meu primo construindo a casa do seu irmão, nesse instante, senti uma leve pontada no meu coração quando o vi, fiquei prestando atenção nele como se fosse uma despedida. Quando ele terminou, foi embora para casa e eu também me levantei e fui para a minha; mais tarde, fui para a quadra com meus amigos. Quando voltei à noite, fiquei um pouco em casa até que fui à casa da minha avó, onde fiquei conversando com meus tios e, de lá, eu vi meu primo saindo embriagado na moto. Ficamos preocupados, pois ele não conseguia controlar a moto, ainda assim continuamos conversando, quando ele voltou.

Por mais que parecesse ser um dia normal, eu sentia o meu coração um pouco apertado e um frio na barriga como se algo fosse acontecer... e aconteceu algo que chocaria todos os amigos e familiares.

Naquela noite, quando ele voltou, ao se aproximar de sua casa, um cachorro começou a latir pra ele como se estivesse implorando para ele não ir, mas, como estava embriagado, não ligou para o animal nem para ninguém e contrariou a todos. Um pouco mais tarde, enquanto todos estavam dormindo, um homem chegou com uma notícia de que havia acontecido um grave acidente. Todos ficaram desesperados, pois uma das vítimas era Wilson, sua família foi direto para o local do acidente, e,

chegando lá, encontraram o corpo de Wilson já sem vida. Quando soubemos da notícia, uma onda de silêncio se propagou e o único som que nós ouvimos foi o das lágrimas batendo no chão. Nós ficamos nos perguntando: Por que ele? Será que a morte o deixou terminar sua missão naquele dia? Ou o pegou de surpresa?

Mas não importa o que seja, o destino dele já estava traçado, talvez tudo que ele queria naquele dia era terminar a obra do seu irmão.

Nesse dia, aprendi que o importante da vida é aproveitar as coisas boas que ela oferece e não lamentar o que já passou, pois um dia ela acaba como acabou para ele.

“Não viva para que sua ausência faça falta e sim para que sua presença faça alegria”.

Por Isso Sou

Carlos Augusto da Silva

.....

Certamente, todos possuem um momento, uma situação que ficou gravada na alma. Minha história, minha crônica, é como um passado presente. A tristeza, a dor, o sofrimento me envolveram. Não são esses sentimentos que quero compartilhar com vocês, mas o momento e o que ele me trouxe.

Quando ainda criança, presenciei um encontro de meus pais. Nele, mãe lhe disse que era seu filho. Ele me rejeitou e riu, descrente da verdade. Naquele momento, aquelas palavras se propagaram por todo o meu corpo me paralisando. Tive um choque de realidade. Alguns minutos foram uma eternidade. Tive a rejeição do meu pai e, claro, não é fácil para ninguém.

Tanta dor me trouxe alegria. Não seria o que sou se não tivesse uma dor superada. Transformei minhas lágrimas em sorrisos. Eu e meu pai podemos não nos conhecer, podemos não saber onde moramos, podemos não saber quem somos, mas sou feliz! Não por ter sofrido, mas por saber que, onde quer que eu vá, terei um passado que me fará idealizar um futuro diferente.

Quando?

Maria Beatriz Moura Ramos

.....

Pra que tantas guerras, se podemos viver em um mundo em que todos nós tenhamos paz? Quando vamos parar de pensar só em nós mesmos, e começar a pensar no próximo? Quando vamos parar de ser tão egoístas e pensar mais no lugar onde vivemos? Quando vamos parar de julgar as pessoas pela forma como elas se vestem e começar a julgá-las pelo seu caráter? Quando vamos começar a julgá-las pela forma como elas agem com você e não pela sua cor, religião ou a sua opção sexual? Quando?

Lembro-me de um dia que um amigo foi espancado só por causa da sua opção sexual. É possível viver em uma sociedade justa, sem preconceito, com mais união e respeito, basta todos pensarem que não importa se você é branco, negro, não importa a sua religião ou escolha sexual, o que importa é o respeito entre as pessoas.

Vivemos em uma sociedade que não pensa nem ama o próximo, só sabe julgar os outros. O lugar onde vivemos não é tão perfeito, a violência toma conta, vemos drogas, armas, discriminações, racismo e o ódio crescendo cada dia mais. Que bom seria se o mundo em que vivemos, vivessem em perfeita harmonia, crianças alegres, no rosto só sorrisos de felicidade, e a fome que mata hoje não existisse mais, se os políticos fossem honestos, se a população da nossa sociedade fosse toda unida, sem brigas e sem guerras. Dá pra imaginar como seria?

Vivemos em um mundo onde os ricos e os brancos se dão bem, e os negros e os de baixa condição se dão mal, não é sempre

que isso acontece, mas é a maioria dos casos. Ainda há esperança de que um dia viveremos em um mundo mais unido, em uma sociedade mais justa. Vamos respeitar o próximo, pois temos que respeitar para ser respeitados!

Copa do Mundo no Brasil

Jordânio dos Santos

.....

Chegando à minha casa, fui direto assistir ao jogo. Coisa linda é quando os jogadores vão cantar o hino de seu país. Eles cantam com tanto orgulho e emoção. A câmera vai filmando aquela gente que eu nunca vi. É como se eu estivesse lá no estádio, com esse povo torcendo, cantando com eles. Que beleza, tudo é mágico!

O jogo começa, o narrador fala e eu fico querendo ver o gol, principalmente, quando é jogo do Brasil. Com o Brasil em campo, é como se eu estivesse jogando junto com a seleção e a torcida. Dou passes, chutes a gol, até cabeceio. Há vezes em que sou o técnico do time, aquele que grita com os jogadores. E quando é gol... Ahhh, é uma verdadeira festa brasileira. É assim, gol do Brasil, é mágico, é copa no Brasil.

O Primeiro Jogo

Jordânio dos Santos

.....

Então, chegou o dia mais esperado do mês de junho. Dia 12 de junho de 2014. Dia dos namorados? Que nada! E sim a tão esperada e desejada abertura dos jogos da Copa do Mundo no Brasil. O primeiro jogo do Brasil na copa 2014 e dessa vez era diferente, a copa é em casa, no solo brasileiro. Todos acordaram mais brasileiros, mais verde e amarelo, mais felizes.

Logo cedo, já se ouviam barulhos e músicas relacionadas à copa, ou melhor, ao Brasil. Preparavam-se para vestir o uniforme, a camisa do Brasil. O jogo era só às 17h, mas, desde cedo, já se via pessoas no clima, prontas para torcer. Aquela emoção já corria dentro de nós. Em todo canto, o assunto comentado era somente a copa. Foi então que chegou a hora da abertura dos jogos. Uma festa imensa, apresentações que mostravam um pouco de cada lugar, cada cultura brasileira.

Depois de toda festa e preparação, chegou a hora do jogo: Brasil x Croácia. O mundo parou para assistir ao primeiro jogo, a nação parou para torcer pela pentacampeã de mundiais da copa. E, em pouco tempo de jogo, se escuta o grito de gol: gol da Croácia, ou seria do Brasil?! Pois foi um gol contra, o que deixou a seleção e a torcida confusa. E esse sentimento confuso logo se transformou em preocupação porque a Croácia estava ganhando por causa do gol feito pelo Brasil. Mas por pouco tempo!

O Brasil faz um gol e dessa vez na trave certa. A torcida em geral vai ao delírio, uma mistura de gritos, sorrisos, pulos e barulhos envolve a nação brasileira. Emoção que ainda aconteceu duas vezes, pois o Brasil terminou o jogo com um

placar de 3x1. Depois desse “show de bola”, a festa só aumentou nas ruas, nas praças, em todos os lugares. O verde e o amarelo das decorações da cidade se misturou com a nação de torcedores comemorando felizes a primeira vitória da seleção brasileira na copa do mundo de 2014.

A Derrota na Copa

Vitoria Antônia Pereira da Silva

.....

Lembro-me do dia do jogo e me dá até um aperto no coração. Ao amanhecer, fui fazer os preparativos para o jogo. Minha casa logo estaria repleta de pessoas, todas entusiasmados, felizes, esperançosas... A torcida toda fanática estava aos pés da TV, no sofá, nas ruas, etc. Dia de Alemanha X Brasil. Alemanha já foi a melhor do mundo, mas o Brasil leva no peito e no coração cinco títulos.

O amarelo e verde, tomando conta das ruas, tomavam conta também da minha casa, a alegria transbordava. A emoção em saber que poderíamos chegar finalmente ao hexa dominava não só a minha casa, mas todos os lugares.

E as horas passavam como um foguete, e já começava a tocar o hino nacional, uma das cenas mais esperadas, causava arrepios. Era lindo ver os brasileiros estufando o peito a cantar o mais belo hino, além da felicidade de ver o nosso país no campo, jogando como se fosse a última vez, e foi a última.

Começa o jogo e o desespero também; em alguns minutos, a Alemanha estava no primeiro gol. Pensávamos que ainda tinha jeito, todos aqui estavam com um pouco de esperança. Porém, levamos mais um e mais outro e o tempo voando. A decepção e o espanto eram grandes. O Brasil era digno de ter um jogo bom, e, ao final do primeiro tempo, o placar já era motivo de desistência.

Volta o segundo tempo e mais uns gols aconteceram, com certeza a pior fase do futebol brasileiro. Vergonha era o que todos sentiam.

Eu vi nos olhos de meu pai a tristeza. Uma tristeza profunda, uma decepção. Não só meu pai, mas minha família toda, como todos os vizinhos que vieram assistir na minha casa estavam desapontados.

Terminou com o placar de 7 x 1 para a Alemanha, vergonha para o Brasil mostrar seu futebol daquela forma. Acabou a copa do Brasil, para o Brasil, acabou para nós. E perder na própria casa, é decepcionante, não é mesmo? Ver que o país parou para ver esse jogo e acabou que, em lágrimas, os torcedores passaram a odiar o futebol brasileiro... Só fase! Infelizmente, não foi dessa vez!

Em 2018, na minha casa, eu, minha família e amigos estaremos torcendo. Mesmo com a decepção, esperamos o melhor. Acreditar no Brasil, pois, para quem já foi bom, pode haver a glória depois da derrota!

A Melhor Surpresa

Vitoria Antônia Pereira da Silva

.....

Estava próxima a data do meu aniversário e, para minha surpresa, meus amigos e minha família estavam bem mais animados que eu, como se fosse o dia deles. Foi lindo ver a importância que eu tinha para eles, era algo grande, algo puro e verdadeiro!

Para minha sorte, no dia em que completava ano, o azul no céu e o pôr-do-sol estavam de tirar o fôlego. Meus amigos vinham alegres, me dando parabéns, até cantando. Foi emocionante!

Eu sabia que seria um dia feliz para mim, para minha família, para meus amigos. E o dia ficou mais bonito, e mais harmonioso, e mais feliz. Eu, que quase não comemoro, sou contagiada pelo entusiasmo e lá me via com uma alegria sem tamanho, com um sorriso largo, de orelha a orelha.

Ao entardecer, chego à minha casa e sou recebida como uma celebridade, com beijos, abraços, cortesias. E mal sabia eu que mais tarde havia uma festa surpresa, daquelas feitas com o coração. Mais tarde, ao me ver nessa situação maravilhosa, meus olhos viam a felicidade de se ter aqueles a quem mais se ama reunidos por minha causa. Era como se o meu coração desse pulos de alegria. E eu percebi que as melhores coisas estão nas mais simples atitudes e que não precisa de muita coisa para ser feliz.

Vê-los juntos na minha casa, rindo feito crianças, aproveitando o bolo de chocolate como se fosse a melhor coisa do mundo, percebi que era a coisa mais importante pra mim. Com essa alegria toda, reflito que poderia estar sozinha e triste, mas não. Optei por ter essa alegria de ter pessoas que amo, e isso não tem preço, não

tem dinheiro que pague, pois o valor de uma amizade e de uma família é maior que todo o dinheiro que exista no mundo.

Festa, surpresa, bolo, bolas, amigos, família, casa e lar. Tudo o que preciso reunido no meu dia preferido, um sonho que vou guardar na minha memória e esse dia, com certeza, foi a melhor coisa que eu poderia ganhar! Vale refletir que, na verdade, somos feitos de sentimentos e foi isso que naquele momento meus olhos puderam ver. Sentimentos e momentos que devemos aproveitar sem dor, usufruir, agarrar a felicidade e deixar a tristeza de lado, aproveitando a vida com quem se ama. Esse aniversário surpresa, sem dúvida, foi o melhor! E minha casa sempre será cheia de alegria, se eu tiver meus amigos e minha família juntos de mim.

Em Tempos de Brincadeiras

Regiane Ester Rosendo da Silva

.....

Lembro-me de um garoto que corria pela areia imaginando que era o homem mais rápido do mundo. Ele tentava fugir da pessoa que o procurava passando por rios e construções.

A sua mãe sempre brigava quando ele se pendurava nos canos de saneamento, achando que era o Homem-Aranha; por sorte, ele nunca caiu e o cano nunca estourou.

Adorava pular do barco e cair dentro do rio, era como se fosse saltar de um avião sem paraquedas e cair dentro do mar aberto.

Mas um dia ele percebeu que o seu ponto de pouso estava com problemas. Eram os canos, os canos tinham uma água feia e com mau cheiro e estava poluindo o rio.

Depois de um tempo, os canos sumiram, mas a água não estava voltando ao normal. As construções ficaram cada vez maiores e começaram a cobrir a areia. Por onde o garoto iria fugir da pessoa que o procurava? Mas, onde estava a pessoa? Ela parou de procurar? O garoto olhou em volta e percebeu que não podia mais brincar, que sua infância tinha acabado por culpa dos canos e das construções. Hoje ele só tem as lembranças de como aquele tempo era bom... Era bom.

Minha Primeira Semana

Félix Douglas Lima Ribeiro

.....

O primeiro dia em que vim para o Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte foi especial, não porque estava estudando numa Instituição Federal, embora isso seja bem legal; também não era porque eu conhecer mais pessoas, fazer novas amizades e me livrar de certos chatos da antiga escola. Foi especial porque revi duas colegas, isso mesmo, colegas do passado e um amigo, apesar de já vacilar algumas vezes e foi bom encontrar eles, porque ali descobri que estudar no IF seria mais divertido. Foi só nos encontrarmos e já começamos a colocar o papo em dia, nem parecia que a gente não se via há um tempão.

Mas, ao mesmo tempo, fiquei com vergonha de todos aqueles veteranos olhando pra mim e também ocorreu o trote, mas, como não fui bobo, fiquei meio que “por fora” porque já suspeitava e alunos de outra turma também me informaram que isso iria acontecer, o que me permitiu conseguir escapar, mas, no final, ainda fui para casa sujo. Na saída, uma menina aparentemente normal tacou tinta em mim, tentei desviar, mas ela ainda acertou o pescoço. Chegando à minha casa, minha mãe perguntou o que teria sido, eu expliquei o trote e a gente começou a rir. Essa foi minha primeira semana de aula no IFRN.

A Dor de uma Saudade

Francikelly Suianne Miranda de Sousa

.....

A saudade é sempre dolorosa, ainda mais quando esperamos que sua falta seja notada. Tenho que agora adaptar-se a não tê-la por perto. As mãos que antes me fizeram carinho, agora não existem mais, pelo menos do jeito que eu queria, embora ainda vivem no meu coração.

Fica como um vento frio quando estou sozinha pensando nela, será que ela pensa em mim? Será que sente saudades? Será que está feliz? Meu coração aperta e as lágrimas descem, assim como descem nesse exato momento em que estou escrevendo essas palavras. Falar só por telefone não mata a saudade que sinto.

O que resta de mim? Prefiro não ficar triste! Só guardo os momentos de felicidades que completam o meu dia de uma forma alegre e esperançosa, que um dia ela possa voltar a morar aqui de novo.

Amo e sempre vou amá-la, independente da distância física e temporal, não somos eternos, mas eterna sempre vai ser a sua falta, mesmo estando perto. A senhora nunca vai deixar de ser importante na minha vida, pois meu amor e meu carinho são incondicionais. Saudades da Vovó!

Na Pequena e Tão Bela Cidade, Eles se Conheceram

Glenda Thamyris Nunes Coutinho

.....

Aqui estou a observar pela janela do quarto os passarinhos a cantar, ouvindo Jack Jackson e pensando nele. Lembro bem do dia primeiro de agosto. Estávamos na escola e eu estava vermelha da cor de uma maçã de tão envergonhada; ele pegou o número do meu celular com uma amiga e por volta das duas horas da tarde, ele me mandou uma mensagem:

– Oi linda, vamos sair hoje?

É claro, eu não pude ignorar! Conforme as horas se passavam, fomos nos conhecendo melhor, as mensagens foram responsáveis. Estava ansiosa e não parava de falar com as minhas amigas sobre o nosso encontro. Passou-se o tempo e, finalmente, chegou o momento, as tão esperadas 20 horas.

Minhas amigas passaram na minha casa, estavam acompanhadas, cada uma com seu bem amado, fomos à Caixa pra eu sacar um dinheiro. Estava tão aflita, nervosa, com borboletas no estômago que não consegui atender a ligação dele, pedi para o meu amigo telefonar avisando que ele fosse para o Açaí.

Finalmente, trocamos olhares bem de pertinho, ele era o rapaz mais lindo do lugar, vestia uma camisa vermelha e uma calça jeans um pouco justa, um tênis azul escuro e usava um relógio muito bonito.

O Açaí estava muito cheio, mas aquele momento era tão único, que parecia que estávamos só *nós dois*, *o mundo esvaziou-se, o tempo parou, consegui observar cada detalhe que nele*

existia... Foram longos momentos até nosso pedido ser atendido, estávamos envergonhados e ficamos conversando mais com os nossos amigos.

Tudo corria normalmente até que o senti pegando na minha mão. Foi mágico! Eu o olhei fixamente nos olhos e pensei “Meu Deus, como ele é lindo!” Ah, fala sério né?! Quem nunca viu uma adolescente apaixonada? Tudo se transforma num verdadeiro conto de fadas, ficamos bobas, já pensamos em casar e construir uma família, viajar e explorar o mundo. O amor é mesmo a melhor fantasia em forma de realidade!

Hoje estamos namorando e, apesar de morarmos numa cidade pequena, tem um lugar que marcou a nossa vida – A Praça da Conceição, pois nos costumamos sair à tardinha de mãos dadas para irmos tomar sorvete, parecendo casais de filmes de amor.

Estou feliz por estar apaixonada por alguém que me recebeu tão bem em sua vida, alguém que não abre mãos de me ajudar e estar comigo. Ele parece um príncipe e eu, definitivamente, quero ser sua princesa!

PARTE III
O COTIDIANO QUE VEJO



Baculejo

Weber Firmino Alves

.....

Enquanto muitos brincavam na folia da segunda-feira de carnaval, eu participava de um culto religioso que ocorria num espaço profundamente marcado pelo profano: o Parque do Povo, em Campina Grande, Paraíba, local onde todos os anos se realiza o Maior São João do Mundo. A celebração estava por acabar e o pregador falava sobre a transcendência do Eterno; dizia que a santidade de Deus implicava na sua total distinção e superioridade a tudo o que existe na ordem do mundo criado. Ademais, Deus é o abscôndito, no dizer de Rudolf Otto, o *Mysterium Tremendum*, o totalmente outro.

Na multidão, eu estava atento àquilo que falava o orador, quando repentinamente fui distraído pelo espanto de uma senhora que estava ao meu lado:

– Eita, um baculejo!

– O que? – perguntei curioso, pois não entendia a relação entre sua frase e o discurso religioso.

Eu sabia que o *baculejo* era uma forma de abordagem policial que consiste numa revista em indivíduos aparentemente suspeitos, com a finalidade de encontrar drogas ou armas escondidas no corpo. A grande questão para mim é que não entendi a relação entre o espanto feminino e o ato sagrado de que participávamos.

– Veja ao lado – ela me disse, apontando para avenida que ficava por trás da tenda onde se realizava a celebração.

Virei o rosto e observei a cena. Dois policiais fardados estavam montados em suas bicicletas e pedalavam nos arredores da

avenida que separava o Parque do Povo e o Açude Novo, quando encontraram dois jovens, trajados com roupas simples, velhas pelo muito uso, e inadequadas para a celebração. Eles estavam assentados no acostamento de uma árvore. Um deles era de cor negra e portava um boné vermelho e surrado em sua cabeça. Ambos tinham suas bicicletas encostadas junto à barra de ferro que demarcava o fim da calçada e o espaço do povo. Chamou-me a atenção a abordagem policial sobre o preto, visto que o outro rapaz de pele branca observava de lado, basicamente sob o olhar atento do parceiro policial, enquanto o rapaz negro era baculejado pelo consorte. O preto levantava os braços em tom de rendição, enquanto o policial o revistava da ponta dos pés ao último fio de cabelo, como se estivesse depenando uma galinha. Mantinha-se de costas, seus olhos estavam esbugalhados como os de um pássaro surpreendido pelo seu captor, o corpo tremia, à medida que sentia na pele a vergonha dos que transitavam ao seu redor e, principalmente, daqueles que estavam no culto religioso e disputavam sua atenção entre o que dizia o pregador e a cena cerceadora a que estava sendo submetido. Tratava-se de um bandido?! Não sei lhe dizer, caríssimo leitor! Mas passo a descrever as reações daquele evento profundamente constrangedor.

Não mais conseguia ouvir o orador sem constantemente voltar-me em direção à cena que parecia não acabar. Era um momento que durava uma eternidade. De longe, percebi que o policial fazia perguntas e o negro parecia responder cada uma delas, sentindo-se intimidado como um animal selvagem cuja presa o espreita contra um beco sem saída. Meus olhos viam a cena melindrosa e queriam se tornar ouvidos para ouvir o que respondia o negro ao policial:

– Num sô bandido não, seu policial! Só tô de passage, assis-tino de longe! – imaginei as palavras que podiam ser inter-

pretadas de longe na face do negro assustado, cuja broca tremulava.

A cena do baculejo lembrou-me uma noite, há mais de uma década. Eu estava chegando em casa dirigindo minha moto, sob a companhia de meu irmão, quando inopinadamente fomos surpreendidos por quatro policiais fortemente armados, apontando armas de peso em nossa direção. Meu coração quase saltava do peito! Parei trêmulo! Não sabia se estava diante de policiais ou de bandidos! Levávamos o aparelho videocassete da minha mãe. Éramos suspeitos! Os policiais queriam saber de onde vínhamos, qual o nosso destino, se tínhamos a nota fiscal daquele eletrodoméstico! Fomos liberados da abordagem apenas após convencê-los da residência onde morávamos.

O rapaz negro de minha crônica teve a mesma sorte. De longe, vi que, após a espreita policial, o sujeito foi liberado, pois, de fato, não possuía qualquer indício que sugerisse risco à sociedade, a não ser a cor preta de sua pele e a pobreza que carrega nas costas, como consequência da própria opressão social que uma ascendente história de escravidão lhe legou. O policial partiu, certamente sem se desculpar, pois estava apenas fazendo seu trabalho, afinal de contas, policiava na cidade que se destacou como a trigésima cidade mais perigosa do mundo, de acordo com uma pesquisa feita em 2014 pela ONG Conselho Cidadão pela Seguridade Social Pública e Justiça Penal, do México. A prática policial era apenas uma conclusão lógica do provérbio que reza: “em terra de cachorro louco, quem manda é o que late”.

O baculejo do jovem negro me arrebatou uma sequência de pensamentos sobre a natureza e os limites de tal procedimento constrangedor que tolhe a liberdade de muita gente indefesa, e é ineficaz com gente mais perigosa. O que tornaria alguém um suspeito? Seria a cor da pele, as roupas que veste, a linguagem

de construções sintáticas esquisitas quando comparadas com a norma oficial? Os maiores bandidos não se trajariam esplendidamente, em posições políticas que funcionam como verdadeiras armas, escondendo montantes de operações ilícitas mascaradas no exterior? Mas estes não são baculejados, ainda que sejam os principais causadores de um sistema que alimenta insegurança e injustiça social.

Enquanto pensava e assistia aquilo que julgava ser o momento final da cena, escutei sutilmente o fungado da senhora que estava ao lado e que havia me apresentado a cena que se tornou o objeto cotidiano desta crônica. Ela chorava delicadamente, imperceptível aos que participavam da celebração, possibilitando que apenas eu, pela proximidade e o diálogo desenvolvido, pudesse entender a razão do resmonear de suas narinas e das lágrimas que lavavam seus olhos. Sua pele morena denunciava os vínculos entre ela e outro preto, filho seu. Ao fim, entendi as razões de tal associação. Seu filho também fora alvo de vários baculejos, que, lamentavelmente, teve um desfecho diferente: prisão e um subsequente caixão. Os olhos maternos daquela mãe vislumbravam mais do que um baculejo, expressavam os sentimentos da perda e da saudade do filho baculejado pela morte precoce. Ela enxugava as lágrimas com seu lenço e tentava conter seus sentimentos de perda e saudade.

Tais sentimentos maternos foram encerrados pelo convite do pregador a fim de que ficássemos de pé para elevarmos nossas orações a Deus. A mãe tomou o lenço, enxugou seus olhos e curvou a face para orar, mas eu continuei de olhos abertos e observei distante que o rapaz, embora fora do espaço comum aos participantes, também se levantara, como se pretendesse participar daquele momento sagrado, aproximando-se d'Aquele que não trata conforme as aparências e que não julga com acepção de pessoas.

Por Que as Pessoas Vão Embora?

Joilza Xavier Cortez



O ano passou muito rápido, chegou a hora de partir, os sentimentos são confusos, os diálogos são confusos, os alunos perguntam... não há respostas, é a dinâmica da vida...remanejamento... contratos que acabam...

Durante dois anos presenciei essa rotina, professores que partem, outros que chegam, cada um que vai deixa o vazio, um sentimento de morte e de partida assola toda a escola. É inexplicável a saudade que aflora, pessoas que aprendemos a amar, a conviver, a dividir experiências agora precisam partir, e os que chegam trazem a incerteza e o improvável, pois com o tempo o ciclo se repete. Por que as pessoas boas vão embora?

Agora chegou a minha vez de partir! Um dia as portas se abrem e devemos prosseguir, as alegrias e apegos ficaram para trás, agora é olhar adiante, é vida que segue. Uma correnteza de sentimentos levava minha alma para distante daquele lugar, mas como é difícil, me sentia perdida, coerentemente ficava calma, fingia saber o rumo, procurava prumo, sem poder chorar, sem querer sorrir. Mas as cartas, os versos que acalentaram meus sentimentos nos primeiros dias me fizeram compreender lições que vocês pensavam que tinham só caminho de ida, mas não, vocês é que estavam me ensinando a não ter medo das coisas, apenas tentar compreendê-las, vocês que me convenceram de que eu era melhor do que o que eu suspeitava e que não devo desistir diante dos obstáculos. Lições assim, vindas de pessoas tão jovens, são comoventes.

Como esquecer os pequenos prazeres vividos, mesmo os nem percebidos quando vividos? Aqueles que se manifestam por meio de um dos cinco sentidos oficiais, a brisa da praia no rosto, o cheiro forte das salinas, o maior lual já visto e outras bobagens que vão ganhando importância à medida que a distância cresce, essas besteiras que através do hábito se tornam vício e que morrem na percepção desprovida de um sentimento primeiro. Foi na distância que percebi tantos detalhes nunca notados, amores infinitos, aqueles de amigos “guardados do lado esquerdo do peito”. É impressionante como as pessoas não conseguem compreender tudo isso no tempo certo.

Mesmo com todos esses sentimentos abstrusos, eu queria, na verdade, escrever uma crônica gostosa como um abraço demorado, mas tudo que saiu foi um manifesto à saudade, esse sentimento que permanecerá no íntimo das minhas recordações. Mas, como já foi dito, “não importa esse pedaço de papel, o que importa são as palavras aqui escritas que transbordam de carinho”. Com tantas ponderações fica explicado a incógnita: um dia, todas as pessoas terão que ir embora.

Macau, cidade, IFRN, muita saudade.

Sofrimento Inevitável

Williane Batista da Silva

.....

Já se sentiu tocado pelo sentimento de amar e não ser amado? Se sim, sabe como é ruim, você se pergunta o tempo todo o porquê disso acontecer com você, e são perguntas sem respostas, é como se fulano amasse cicrano, que ama beltrano e assim acontece a "desgraça".

Bernardo era totalmente dependente de Lara, mas ela simplesmente o desprezava, pois amava outro. Certo dia, do nada, Lara acabou o namoro, e isso foi um dos piores momentos da vida de Bernardo, ele não acreditava, não se conformava com aquilo, ele não queria de maneira alguma que o namoro deles acabasse, mas Lara só queria se ver livre. Foram dias e noites de sofrimento. Ele ligava, enviava mensagens, e nada... Ele chegou ao ponto de se ajoelhar aos pés dela e pedir para voltar, mas, como sempre, levava um "não". Somente o sono amenizava a dor, mas nem dormir ele conseguia mais.

Aqueles "nãos" doíam mais que tudo. Era uma das piores dores que ele já havia sentido na vida. Era como se fosse um buraco em seu peito, que só poderia ser preenchido por ela, era como se o coração tivesse partido em mil pedacinhos. Alguns amigos dele davam apoio e o aconselhavam, mas a essa altura, não existia mais nenhuma linguagem que pudesse fazer esquecê-la. A única coisa que podia fazer isso amenizar era o tempo. Ele teve que suportar aquilo, ele teve que seguir em frente, estava cansado, vazio, desgastado.

Às vezes, você esquece uma pessoa quando abre os olhos, quando você enxerga que ela fez coisas ruins pra você, que ela

ofendeu, que ela magoou de propósito. Infelizmente, não dá pra mudar quem não quer ser mudado, e ela aprendeu isso sozinha, e Bernardo aprendeu a ficar feliz pelo que aconteceu e a não ficar triste pelo que acabou, e isso o tornou um cara muito mais forte. Os tempos passaram, a dor foi diminuindo, ele ainda não estava totalmente cicatrizado, mas a dor não era tão intensa como antes, e isso já era bom para ele.

Apesar de tudo, Bernardo deixou uma lição: coração partido não é motivo para não seguir em frente, é ruim, é muito ruim, mas o lado bom é que ele aprendeu a se valorizar, aprendeu a não se iludir com palavras bonitas, pois tem uma grande porcentagem de ser apenas da boca pra fora. E não esqueceu a Lara completamente, pois as marcas cravadas na alma são eternas, apenas seguiu sua vida.

Depoimento de um Drogado

Felipe Esdras do Nascimento Silva

.....

Certa noite estava eu, como de costume, assistindo televisão, deitado no meu sofá preferido, porém já cansado de assistir. Passava os canais um atrás do outro. De repente, parei numa entrevista corriqueira, em um daqueles programas que não tem muita audiência. Sinceramente, eu também não estava a fim de fazer nada. Enquanto tomava a minha coca cola, fiquei surpreso com a pergunta do repórter a um jovem de 18 anos:

– A partir de quantos anos você começou a usar algum tipo de droga? Qual tipo você consumia? E por qual motivo você entrou neste mundo?

Ao ouvir essas perguntas, lembrei-me de um familiar que havia se envolvido com drogas. O que pode incitar alguém experimentar uma substância chamada “droga”? Deparamo-nos com jovens em várias esquinas reunidos em torno daquela fumaça que lhes tira da realidade e através de uma falsa impressão, só os leva cada vez mais perto da morte. Muitos morrem cedo, deixando uma vida toda pela frente repleta de sonhos ausentes. Ouvi o jovem responder às perguntas, dizendo que havia começado fumando maconha aos 14 anos de idade.

Eu via aquele jovem como uma árvore seca, sem cor e que há muito provara o gosto da água. Seus olhos estavam vermelhos, e percebi que sua cabeça quase nunca estava no seu lugar.

Falava o garoto com uma simplicidade sem igual, com uma aparência cansada, sua boca ressecada e com as pálpebras escuras como uma neblina numa noite sem lua, de quem não dormia há muitos dias.

- Ainda assim, todos os dias incansavelmente eu buscava dinheiro para tentar saciar a minha sede insaciável por maconha. Tudo começou de uma forma difícil, pois tinha problemas com meus pais e, apesar de tudo, eu era uma criança que sonhava como todas as outras.

De repente, me arrepio ao ver, sobre aquele rosto seco escorrer uma lágrima. Como uma árvore seca derramara uma gota d'água? A entrevista prossegue com o jovem dizendo:

- Eu apenas queria tornar meus sonhos realidade!

Com um sorriso tímido, falava aquele jovem usuário. Foi exatamente assim que ele errou, lembrou que quando criança alguns sonhos são quase impossíveis de se realizar, já outros não se realizam para que a vida lhe ensine já de criança com há perdas e derrotas, mas sabendo que sempre há uma nova luta.

Eu me encontrava vidrado naquela reportagem e quando ela estava ficando cada vez mais interessante, faltou energia na minha casa. Fiquei abismado com aquela amarga situação.

Enquanto esperava a energia voltar, fiquei pensando naquele jovem, como ele se encontrava, se ele havia se recuperado daquele vício, assim como meu familiar se recuperou através da fé. E por alguns minutos fiquei pensando... Até, de repente, eu acordar e ver que já era um novo dia.

Uma Viagem Inesquecível

Lucileide Julião Galvão

.....

Eram cinco da manhã, e o meu despertador tocou; só que não foi para acordar, eu já estava bem acordada, muito ansiosa. Fazia muito tempo que essa viagem estava planejada e finalmente chegara o dia.

Depois de tomar meu banho, vesti aquela roupa que comprei para ir à escola rever as amigas que me esperavam ansiosas. Chegando à escola, a ansiedade aumenta mais ainda. Revejo minhas amigas, batemos um belo papo sobre o filme que vamos assistir.

Seguimos rumo ao nosso destino que ainda era um pouco longe. No caminho da viagem, brincamos, cantamos, tiramos várias fotos para ficar de lembrança e durante toda a viagem foi só alegria. Por fim, chegamos ao nosso destino: Norte Shopping. Chegando, fomos almoçar, conhecemos o Shopping, descobrimos onde tinha novidades como lojas de sapatos, roupas e acessórios.

Finalmente, chega a hora que nós todos esperávamos, assistir ao filme. O filme fala sobre dois adolescentes com câncer, os dois possuem visões diferente de suas doenças. A personagem Hazel preocupa-se apenas com a dor que poderá causar aos outros, já o outro personagem, Augustus, sonha em deixar a sua própria marca no mundo. Quando o filme terminou, fomos lanchar e depois fomos para o ônibus que já estava nos esperando. No caminho, falamos mais sobre o que aconteceu no dia, revemos vários acontecimentos e tivemos um tempo para refletimos!

Foi a viagem mais legal e divertida, apesar de alguns desencontros, apesar de tudo, foi o dia mais divertido.

Sob Pressão

Josihermerson Mateus Oliveira Santiago

.....

Eu cheguei à minha casa, coloquei meu material escolar sobre a mesa e, como sempre, me encaminhei para o quarto como todos os dias! Pego meu caderno e tento escrever uma música, penso em uma poesia e termino por não escrever nada disso. Busco inspiração nas crônicas de Arnaldo Jabour, o que só aumenta minha frustração. Busco nos eventos diários da minha vida algo digno de uma crônica, algo grandioso, tal como *O Diário Secreto de Anne Frank* e o máximo que consigo redigir é uma frase do tipo para-choque de caminhão! Penso, repenso, penso de novo e chego à conclusão de que meu texto não está bom, que estou sem inspiração e fico com medo de olhar a crônica de algum autor e de que a minha possa se transformar em um mero plágio ou que talvez ela não saia como aquilo que eu quero, sabe? Que não transmita o que estou sentindo! Não é simples pegar aquilo que estamos sentindo e pôr no papel.

Às vezes, incomoda essa mania de termos sempre que copiar alguém, sem poder manifestar a nossa própria identidade, a fim de se encaixar num padrão: alto, magro, branco, olhos azuis, cabelo liso e rico, ou seja, ser gordo, feio, negro e pobre. Tornou-se praticamente um crime certos padrões de comportamentos como esses em um país que é o retrato da diversidade e miscigenação, o que é, no mínimo, uma grande contradição. Isso tudo só torna mais difícil a simples tarefa de escrever, já que não sabemos quem é esse outro que irá ler. Assim, ficamos com medo de usar as palavras e, então, ele nos paralisa, pois o fato de não sabermos se vão

captar o verdadeiro sentido por nós posto nas palavras só aumenta o receio de não sermos compreendidos!

Espero que nossa inspiração, nossa vontade não se tornem simples ordens nos transformando em bonecos, marionetes com pensamentos e movimentos repetidos. Enfim, vou tentar escrever novamente... Sem levar em conta o que os outros pensam ou dizem ao meu respeito, afinal para acertar preciso cometer erros, já que sou apenas um aprendiz sob evolução.

Apenas Mais uma Crônica Sobre Crônicas

José Félix da Silva

.....

Pensar, sentar e finalmente escrever um texto não é a mais fácil das tarefas, principalmente porque a maior preocupação do autor é você mesmo que está lendo, o leitor, aquele que tem em suas mãos o poder de avaliar minha competência, ou mesmo a de qualquer que esteja escrevendo. Por isso, questiono o que melhor para se falar em um texto, sendo ele uma crônica senão a história da mesma. Então, venho aqui lhes contar como é escrever uma crônica.

Criatividade, emoção, talento, ou amor à nossa língua? Não se engane! Você não precisa ser um *ás* da literatura para fazer uma crônica; assim como eu, só precisamos parar por um momento da vida, e observar tudo o que acontece ao redor, é simples ver o que te inspira, ver o que te deixa com vontade de escrever e refletir. Esse é um ótimo jeito de começar! No meu caso, eu diria que criar uma crônica sobre crônicas é até desafiador, porém estimulante se você não quer acabar falando mal de alguém, ou expor seus sentimentos, tente fazer isso também. Você também vai adorar!

Crônicas, textos leves, cotidianos, um tipo de leitura mais descontraída. Elas são ótimas! Se você não quer perder tempo lendo um livro gigante com reviravoltas, ou histórias misteriosas, as crônicas são ótimas para quem quer apenas relaxar, pensar, rir ou chorar e, principalmente, ler.

Desde que eu parei, pensei e comecei a escrever esse texto, não tive nenhuma ideia mirabolante para torna-lo rico ou perfeito, apenas fiz um apanhado do que aprendi até agora, sobre o que um escritor deve fazer para se comunicar com seu leitor. Veja bem,

não sou um escritor, longe disso! Mas se posso conversar com qualquer amigo meu, posso também conversar com você, você mesmo, leitor, crítico ou não, que provavelmente espera um relato cotidiano, um texto para rir ou chorar, apenas relaxar, certo? Quer apenas sentar e se separar do resto do mundo, quer apenas uma boa conversa, uma maneira de descobrir um mundo.

Agora, vá em frente: pare e pense sobre esse texto, que para mim é leve, cotidiano e desinteressado de tudo. Então pense, sente, e, se quiser, escreva. Posso te afirmar que isso vai te fazer bem.

Como Ter Inspiração?

Daniel do Nascimento Gomes

.....

Nasce o Sol, põe-se o Sol, o dia avança, e a noite vem, sempre com os olhos da inspiração fechados. A inspiração que nos faz sentir, que nos permite olhar de verdade, mas como abrir esses olhos? Como acordar para que eu observe além do que pode ser visto? E mesmo que eu abra esses olhos, mesmo que me encha de inspiração, como irei me expressar em uma simples folha de papel?

Tudo começou em uma tarde de sábado, quando eu buscava por inspiração. Mas o que é inspiração? Acho que posso dizer que é quando agimos com a alma e não com nosso corpo... Como posso conseguir isso? Nessa tarde de sábado, procurava por essa resposta, então sai de casa e fui dar uma volta pelas ruas da minha cidade, as coisas que eu vi falaram muito ao meu coração, mas não consegui ouvir...

Ser um escritor não é tão fácil como algumas pessoas pensam; tenho é pena dessas pessoas, que vivem assim, com o lápis numa mão e o coração na outra. Tão árdua tarefa é conseguir escrever sobre alguma coisa... E, principalmente, se expressar em uma folha de papel. Já é difícil ter inspiração, mais difícil ainda é expressar aqueles sentimentos que vem ao coração, e não só escrever para que saibam o que o autor está sentindo, mas fazer com que sintam também o que o autor está sentindo...

Então, enquanto eu estava perambulando pelas ruas da cidade, sem conseguir ver o outro lado das coisas, quando já estava desistindo, veio uma voz na minha mente que tocou até o meu coração, e essa voz disse: "Inspiração..." Não era a palavra em si que me veio em mente, pois eu já a tinha lá, afinal era isso que

eu buscava... Veio a própria inspiração em si, com ela veio tudo que alguém precisa para ter um motivo, um alvo, uma razão. Meu coração pulou de alegria e fui correndo de volta para casa.

Assim, deduzi que para ter inspiração, você não tem apenas que desejá-la, você tem que ir atrás dela, demonstrar que realmente a quer. O interior do ser humano é um lugar infinito, onde há chuvas de ideias e mares de desejos. É aí que está o segredo, para você conseguir a inspiração, você tem que transpirar o seu ser.

Quando cheguei à minha casa, fiz este texto, com essas palavras, frases e parágrafos. Aos olhos, podem ser apenas um texto que alguém fez por fazer, mas se você abrir os verdadeiros olhos do coração e da mente, você verá muito mais do que simples palavras, vai ver uma natureza dentro delas, uma personalidade, um jeito único de ser, um poço individual de inspiração, que cada um de nós temos, basta apenas perceber.

Depois da Esquina

Felipe Oliveira Galdino

.....

Normalmente, costumava ir ao trabalho por atalhos a fim de economizar tempo, mas naquela manhã tive vontade de ver a agitação corriqueira das ruas, das pessoas. Saí mais cedo e pela avenida principal da cidade.

A caminhada foi tranquila, mas, quando estava a poucos passos de alcançar a dobra da rua, percebi um barulho até então desconhecido. A cada passo, ele se tornava mais audível, até que em meio de tantos sons, pude distinguir gritos, vaias, bombas explodindo, tiros. Caminhei por mais alguns passos, tomado pela curiosidade.

Ao dobrar a esquina não pude acreditar no que eu via, as imagens iam se tornando mais nítidas, a situação era desesperadora: pessoas atiravam pedras contra policiais, esses revidavam com bombas de efeito moral e tiros de bala de borracha. Havia gente correndo em todas as direções, alguns protegendo seus rostos tentando fugir, outros avançando em direção à polícia, tentando romper o paredão feito por eles.

No momento em que me encontrei naquela situação, o pânico pairou sobre mim. Imediatamente, me arrependi de não ter ido pelo meu atalho habitual. Fiquei ali parado, olhando, como se aquelas imagens passassem em câmera lenta: até quase ser atingido por um rojão. Foi como se eu tivesse acordado de um pesadelo e caído em outro pesadelo, só que infelizmente era real nem sabia para onde correr, nem o que fazer. Por todo lado, tinham verdadeiras cenas de guerra. Fiquei lá parado, com as mãos nos ouvidos. Essa atitude não era suficiente para conter os gritos de

ordem emitidos pelos protestantes. Queimavam pneus, bandeiras do Brasil, faziam insultos contra os governantes, reclamavam dos gastos excessivos dos estádios de futebol.

Por trás das vitrines das lojas, pelo menos as que restavam, viam-se rostos assustados das pessoas que trabalhavam naqueles locais. A maioria tentando fechar suas lojas o mais rápido que podiam.

Por meio dessa mudança de rotina, a realidade de nosso país estava registrada dentro de mim.

Sentindo a Dor

Marília Souza de Oliveira

.....

Às vezes, vemos coisas que sinceramente não prestamos atenção, mas na verdade é a realidade de muita gente!

Numa bela noite, uma garota estava deitada prestes a dormir e escutou gritos de sua janela, ficou assustada, mas não saiu. Não sabia ela exatamente que horas eram, mas tinha a noção que era aproximadamente uma e meia da manhã, pois era a hora que ela normalmente ia dormir.

Os gritos continuavam cada vez mais altos, quando ela teve a ideia de olhar pela janela que era do lado da sua cama. Ao olhar pela brecha da janela, viu uma cena que marcou aquela noite e a vida da garota. Um homem bêbado ou drogado não sabia ao certo, estava muito descontrolado, batendo em uma mulher, não se tinha a certeza se ela era alguma coisa dele, pois nunca tinha visto eles antes, ele muito alto, de cor branca, cabelos escuros, ela não muito baixa, mas não era alta como ele, de cor mais escura, belos cabelos vermelhos.

Enquanto a segurava com uma das mãos, batia com a outra desesperadamente bruto, parecia que se ele não batesse nela ali, naquele momento o mundo iria acabar. Ela chorava e gritava, mas ninguém foi ajudá-la, tinha certeza que não poderia fazer nada. Passando mil coisas pela mente, não querendo mais olhar aquilo, pois só de ver, de certa forma, conseguia sentia a dor.

As horas se passaram, então, ele saiu e a deixou ali, sangrando, machucada, chorando. Ela tentou se levantar uma vez e não conseguiu, mas, depois de algumas tentativas se levantou, saiu segurando nas paredes. Achando surpreendente que depois de

tudo isso ela saiu na mesma direção que ele, parou pra pensar: Será que ela vai atrás dele? Passaram-se muitas coisas pela cabeça, dúvidas, certezas. O que viria depois dali?

Deitada, pensando por um bom tempo em quantos lugares isto poderia estar acontecendo, ou quantas mulheres passam por isso. Bom, tendo aula no outro dia tinha que dormir, já era três horas da manhã, acabando adormecendo, com uma única dúvida que sinceramente ninguém possa responder: será que um dia isso vai acabar? Se vai, quando esse dia chegará?

A Dor de um Adeus

Laura Êmily Medeiros Cabral

.....

Em uma tarde ensolarada, quente, com ventos fracos de verão, sentei-me com minha prima e meu avô na calçada, que era toda revestida com piso de porcelana. Meu avô estava assobiando no ritmo da música “Asa branca”, quando comecei a observar um caminhão parando na frente da casa ao lado. O motorista saiu e abriu a porta do baú, então saíram diversas pessoas de aparência humilde e junto deles havia um garotinho de três anos usando uma corrente na cor prata no seu pescoço. Aquele objeto aparentava ser pesado para uma criança, mas parecia ter muito valor sentimental a ponto de carregar aquilo junto dele.

Todos começaram a descarregar o caminhão, tiraram um colchão de casal meio surrado, um conjunto de sofá, uma estante antiga, uma televisão de vinte polegadas, entre outros poucos objetos. Colocaram tudo dentro de casa, sentaram-se em umas cadeiras e foram conversar. Essas pessoas eram uma jovem branca, de aparência sofrida por causa das dificuldades da vida e tinha mais ou menos dezessete anos, seu filho de três anos com carinha meiga e inocente, o marido que, fazia alguns meses, havia saído da cadeia e teve sua prisão por causa de envolvimento com tráfico de drogas, a mãe da jovem, morena com cabelos assanhados, a qual desde que chegou não parava de chorar, porque não se conformava com a ideia de que sua filha havia se casado com um bandido e agora estava se mudando para morar com ele. Alguns familiares também vieram ajudar na mudança.

Quando o céu já estava escurecendo, a lua aparecendo e a tarde já estava para terminar, aquelas humildes pessoas começa-

ram a despedir-se. Foi nesse momento em que mãe e filha se envolveram em um abraço apertado, caloroso, cheio de amor e carinho enquanto os familiares olhavam para elas com cara de surpresa. Em seus rostos caíam e rolavam as lágrimas motivadas pelo pensamento de separação, pela preocupação da mãe ao ver que sua garotinha, ainda menor de idade, estava indo embora, afastando-se do seu aconchego e não seria mais a mesma coisa.

Logo após, essa pobre senhora enxuga as lágrimas com suas grossas mãos marcadas pelo trabalho duro, sujas, e abraça o seu netinho com toda a intensidade, o beija delicadamente na testa, diz que o ama muito e pede para ele guardar a corrente que seu avô lhe deu antes de morrer, porque foi um presente dado de coração envolvido com os melhores sentimentos possíveis.

Ela entra no caminhão juntamente com os outros, o homem fecha as portas do baú e segue viagem, enquanto o pequeno menino, expressando em seu pueril rosto tristeza, infelicidade, saudades e inocência, dá adeus para sua família.

A Morte de Neném

Priscila Deise de Azevedo Bezerra

.....

Acordei pela manhã, no dia 1º de abril, com meu celular tocando. Era uma amiga me dando a notícia que Neném havia morrido. Neném era um garoto de 16 anos que morava perto de minha casa, ele era um garoto que vivia para o mundo, para os amigos, para a família e para a vida.

Quando recebi a notícia, comecei a rir, pois não acreditava que aquilo teria acontecido, afinal era 1º de abril. Conversei com ela e disse:

– Deixe de brincadeira, como você pode brincar com isso? Com a morte não se brinca!

– É verdade, eu também não havia acreditado, mas Neném morreu. – ela insistiu.

Eu discordei e desliguei o celular, a partir daquele momento comecei a refletir como podia aquilo estar acontecendo? Neném era um menino tão jovem, tão alegre, que vivia voando nos seus pensamentos como um pássaro que voa a favor do vento. Fazia dois dias que tinha falado comigo, estava tão feliz por estar em Natal, ele amava a vida que tinha, não dava pra acreditar naquilo... como ele poderia ter morrido? Passei o resto do dia pensando como a vida é repleta de contradições, dia e noite, não e sim, cheia de altos e baixos.

No final da tarde, fui à rua saber se realmente era verdade tudo aquilo que haviam me dito, afinal ele era meu amigo. Ao chegar próximo da sua casa, avistei uma pequena aglomeração de gente na porta; ao entrar na sala, não deu mais para dizer que era mentira, pois lá estava Neném deitado naquele caixão como

se fosse uma prisão, não entendia porque aquilo estava acontecendo, olhava para os lados e via aquelas pessoas derramando rios de lágrimas. A partir daquele momento, não consegui esconder meus sentimentos, chorei, desabafei: como podia a morte fazer aquilo com Neném?

Senti-me muito mal naquele momento, pois era 1° de abril, dia da mentira, dia de brincar com os amigos, dia de ser feliz. Gostaria muito que fosse mentira, mais a morte não se lembrou disso, afinal, quem disse que a morte tem sentimentos?

Naquele momento, só conseguia me lembrar de duas frases que minha avó sempre dizia: “Viva cada dia como se fosse o último, pois amanhã você não sabe se vai estar vivo ou morto” ou “A gente sai de casa, mas nunca sabe se volta”. De repente, consegui entender que essas frases são a mais pura verdade, também entendi que a morte não escolhe pessoas, dias ou horas, ela simplesmente acontece.

Amicóloga

Pedro Vítor da Silva Melo Leonez

.....

Sabe quando você sente que tem aquela pessoa que pode confiar para contar tudo, até seus segredos mais profundos? É, nem eu. Pelo menos até ir à minha segunda consulta com ela, porque a primeira não foi muito boa, ficamos apenas nos olhando por um bom tempo, quase que por todos os intermináveis 45 minutos, já que não queria precisar estar ali. É! Aparentemente não sou muito bom em questão de me relacionar com pessoas.

Na segunda consulta, foi tudo diferente, tornei-me um livro aberto, falei tudo para ela, começando por minha infância até como vivo hoje. Ela não falava muito, só fazia perguntas que me eram difíceis de responder, mas eu pensava um pouco e respondia.

A partir desta segunda análise, pude perceber que podia contar qualquer coisa para ela, até as que eu não tinha contado pra ninguém, nem na primeira consulta, pois tinha medo, medo dela sair dizendo pra todo mundo, tudo que havia contado a ela, medo de ela me achar um louco e mandar que me internassem em algum hospício (imediatamente!), e principalmente, o medo do que ela falaria pra mim quando me abrisse para ela. Acho que tinha medo de mim mesmo, do que estava descobrindo sobre mim.

Na terceira sessão já éramos amigos, não este tipo de “amigos inseparáveis”, já que só a via uma vez por semana, porém ela se tornou uma pessoa em quem podia confiar para falar qualquer coisa, o que me desse na telha, falava.

Depois de algumas consultas, passei a vê-la com menos frequência, de 15 em 15 dias, já que não era mais preciso um retorno

semanal, até chegar a um ponto em que não precisei ir mais, nem de 15 em 15 dias, nem de 22 a 22 dias, simplesmente não precisava mais, tive alta.

É estranho, no começo não ter aquela pessoa para ficar ali só lhe ouvindo, sempre disposta a isso; é quando você se acostuma a conversar, e começa a perceber que ainda pode ter essa pessoa. Na verdade, até mais de uma, pode ter como confidentes seus amigos, que sempre estão presentes nos piores e melhores momentos de nossas vidas, para nos confortar, nos dar conselhos, rir com a gente. Não importa se são poucos, porque o que importa mesmo é que são nossos amigos.

Amor por Vaquejada

Alicia Barbosa do Nascimento

.....

Minha avó nasceu numa cidade meio pacata chamada Pedro Avelino, foi criada no meio da natureza, andando a cavalo e sentindo a verdadeira felicidade. Quando casou, mudou-se para uma fazenda, onde teve dez filhos, e todos foram criados lá, no meio da natureza. Apreciavam quando meu avô estava passando o gado, e se interessaram em aprender. Acabaram virando todos vaqueiros, pois amavam fazer aquilo, faziam conforme a lei sem maus tratos com os animais. Assim, todos se casaram e tiveram seus filhos uns foram para a cidade, mas outros resolveram tentar a vida ali mesmo. Quando eu nasci, minha mãe já morava numa pequena cidade, onde também se encontrava o resto dos seus irmãos, apenas dois ainda moram em fazenda, e meus primos ainda continuam a tradição de vaqueiros.

Em certo dia, acordei cedinho, mesmo na hora que meu tio junto com meus primos estavam indo pra fazenda, óbvio que eu não ia perder a oportunidade e fui também. Quando chegamos lá, meus primos foram passar o gado, pois estava se aproximando de uma vaquejada, e eles iam pra ganhar, honrar o nome da família. Por ser uma das mais novas, nunca tinha me interessado muito por aquele esporte, mas nesse dia eu vi aquilo com outros olhos, não sei o que foi, mas senti um arrepio em cada “valeu boi”, e via nos olhos de cada um o amor com que fazia aquilo. Depois de passar todo o gado viemos para casa, e eu não tirei aquilo da cabeça nem por um segundo.

E então chegou a vaquejada, meus primos tiraram em primeiro lugar, foi aquele festão, eu percebi que também que-

ria aquilo pra minha vida. Quando chegava perto do “moram” me arrepiava toda, e me imaginava correndo naquela pista, então resolvi pedi ao meu primo pra me ensinar. Ele me perguntou se minha mãe tinha deixado, eu disse que não tinha pedido, mas achava que ela consentia. Para garantir, resolvi pedir e, então, veio aquele “não” limpo e seco. Abalei-me muito, pois não esperava, ela falou que eu podia cair e me machucar, e que não tinha força de derrubar um boi. Mas quem disse que eu desisti?

Em um domingo à tarde, chamei meu primo pra irmos à fazenda: foi chegando lá que vi aquele cavalo enorme que nem conseguia montar sem ajuda, e também estava com muito medo, pois era a primeira vez, pensei em desisti, mas o amor que tenho por vaquejada, e já que mãe disse que eu não conseguia, resolvi seguir em frente. Quando o cavalo deu o primeiro passo, eu quase caia; é muito estranho, mas o segredo da primeira vez é ter equilíbrio, depois desse dia fiquei mais encantada. Só que minha mãe nem sonha com isso, eu ficava pensando direto naqueles animais o quanto eram doces e valentes, encantadores e amáveis.

Pedi a meus primos que me ensinassem escondido, é claro, e eles aceitaram. Falaram que primeiro aprendemos a galopar, depois corremos. Quando estamos com uma experiência boa, vamos bater esteira. Em seguida, vem o tão sonhado “valeu boi”. Para os que veem sempre, pensam que não é profissão ou que aquilo não tem futuro algum, mas só quem vive por dentro de tudo sabe a importância que tem, sabe que os cavalos conhecem os verdadeiros sentimentos dos seres humanos, existe amor de verdade e que a união faz a força.

Toda vez que vou a vaquejadas, sinto-me privilegiada, quando vejo aquele gado no curral, aqueles vaqueiros fazendo o que

amam. Só Deus sabe como sou feliz e realizada por isso. Quero que todos da família sigam com a tradição porque é uma coisa linda. E tenho certeza de que todos vão amar, assim como eu amo... Quem sabe até mais...

Desigualdade Social

Leonilson Almeida de Lemos

.....

Como um dia qualquer, eu ia saindo de casa em direção à parada de ônibus para ir à escola. Chegando lá, encontrei meus amigos conversando com um mendigo. Na ocasião, ele estava dizendo com uma voz cansada e olhar fixo na pista:

– Eu não mereço a salvação, pois sou uma pessoa muito vingativa. Se você me fizer o bem hoje, depois de 10 anos, se eu o vir, vou lhe cumprimentar e quem sabe lhe convidar pra tomar um café comigo em minha casa, mas, se você me fizer o mal, seu nome vai para minha lista e eu só vou sossegar quando eu pagar na mesma moeda.

Eu fiquei um pouco assustado com o que ele disse, mas, conversa vai, conversa vem, eu lhe perguntei:

– O senhor estudou?

Ele me respondeu:

– Não, mas sei ler e escrever em inglês.

Então, um de meus amigos disse:

– Fale uma frase em inglês.

Ele respondeu:

– Paul Robert. É meu nome em inglês.

Então chegou o ônibus e ele disse:

– Vão com Deus, pois ele é pai e não padrasto.

Em seguida, aproximou-se do ônibus e perguntou ao motorista:

– O senhor pode me dar uma carona, só até ali na frente.

O motorista respondeu:

– Não, só posso transportar alunos.

Chegando à próxima parada, os outros alunos entraram no ônibus e entraram, também, duas moças e um rapaz, todos bem vestidos, pedindo uma carona ao motorista e ele, carinhosamente, falou:

– Sim, vocês podem ir.

Dias depois, Paul Robert foi encontrado morto. Quando soube da notícia, fiquei muito triste e pensando nele no caminho da escola. Fico imaginando que, se o motorista tivesse lhe cedido uma carona, ele poderia estar vivo no meio de nós, mas infelizmente ele está vivo apenas no meu pensamento. Perdi um amigo para a morte, então resolvi fazer esta crônica falando um pouco dele, Paul Robert, o mendigo de gestos simples e palavras sábias.

O Crepuscular do Dia

Fredson Silva de Souza Aquino

.....

Certo dia, enquanto buscava algum caso que merecesse uma boa crônica, tive a grande ideia que culminou no tema central sobre o qual decidi escrever. Mas antes, busco advertir ao meu leitor, se quiser ler uma crônica que trate de algo diferente, incomum, ou até surreal, procure outro tipo de texto. Se não, você tem meu aval para continuar a sua leitura.

Era uma sexta à tarde, no meio do recesso anual das aulas. Depois de um eterno momento de ideias diferentes e antitéticas invadindo sorratamente meus pensamentos... Decidido! Vou correr.

Eu corria todos os dias por um ponto onde não há casas ou vestígios de cidade alguma, era tudo aberto e eu corria sozinho. Naquele dia, não foi diferente, a não ser pelo fato de que buscava algo para escrever.

Ahh! Ora o vento no rosto, o som dos passos contra o chão, a harmonia orquestrada do som do vento contra meu rosto, admirar à esquerda as dunas, à direita a praia. Mas, ainda, nada se comparava ao ponto alto daquela tarde, sobre o qual decidi escrever esta crônica.

O crepuscular do dia. É tão comum nos esquecermos do acontecimento diário da dança das cores: ver o azul natural amarelar, alaranjar, avermelhar, escurecer. Até o céu estar perfeitamente negro. Ou esquecemo-nos do silêncio ensurdecador que toma o espaço quando a noite invade o dia. Enfim, esquecemos.

Mas observava eu, atônito, o lento e incontestável acontecimento que a natureza me proporcionava, enquanto diminuía a

velocidade até parar. Fiquei ali alguns minutos, enquanto conversávamos eu e o sol. O tempo passava mais lento que de costume e o rei do dia se despedia lentamente fazendo as nuvens avermelharem. Aos poucos, se escondia atrás da linha do horizonte, após os coqueiros, após as dunas, após o mar. O gigante amarelado sumia fazendo tudo escurecer e, finalmente, a noite chegar.

Talvez você, meu caro leitor de crônicas, pense: “O sol se põe todo dia, não é nada de especial!” Mas, a esse leitor digo: O importante não está tão-somente no fato. De histórias que merecem uma boa crônica o esquecimento está cheio. O importante está na cor dos olhos com que buscamos observar os momentos que, por mais simples que sejam, dão real sentido ao que chamamos de vida.

Na Festa

Antônio Weigarty Leite da Silva

.....

Foi incrível, quando nossos olhares se cruzaram, parecia coisa de outro mundo, foi fascinante. Eu fiquei louco, apaixonado, mas o medo de chegar perto e conversar me consumia. Mas, por que medo? Era alguém de outro planeta? Não, era uma pessoa como eu. Eu chamaria de um “medo de apaixonado”. Aquele que o coração bate mais rápido, que você não consegue parar quieto, de ficar nervoso, de errar o passo da dança, porque, toda vez que olhava para ela, estaria também olhando para você e, ao mesmo tempo, medo de ser tudo uma farsa, uma ilusão ou algo do tipo.

Os nossos olhares se encontravam de vez em quando, era legal, eu gostava, porém me parecia um pouco tenso.

E, no final, vai embora me olhando novamente e me dando um sorriso, como se quisesse me dizer: “Foi bom te conhecer”. Correspondo com outro na mesma intenção.

É... A festa foi boa!

A Velha Casa Azul

Barbara Liane Ribeiro Damasceno

.....

Era uma noite escura de uma sexta-feira. Nascia e crescia em mim o desejo de coisas novas. Meus olhos atentos como nunca, meu coração estava ansioso para ver até que ponto eu poderia chegar.

Ao voltar de meu trabalho, por volta das oito e meia da noite, entrei em minha casa, tomei um demorado banho e passei meu doce perfume, cheirando a sedução. Vesti a roupa mais bonita de meu imenso e lindo guarda-roupa, calcei meu melhor sapato da minha coleção.

Quando saí de casa, dei de cara com uma presa maravilhosa: um jovem de uns vinte e poucos anos, totalmente embriagado, cheirando à cachaça e a cigarro barato. Ofereci-lhe uma simples carona, e ele, na mais pura inocência, aceitou e entrou no meu gol vermelho.

Aproveitando a situação, tomei um atalho para levá-lo até seu fim... Chegando à velha casa azul na beira de uma estradinha pouco movimentada.

Tirei-o de meu carro, amordacei-o e marrei seus pés e suas mãos. Peguei uma barra de ferro meio enferrujada, de uns setenta centímetros, e com um golpe certo, usando toda a minha força em sua nuca, fiz a presa desmaiar.

Ao acordar, após uns quinze minutos, ainda atordoado e sentindo fortes dores por causa da pancada, reclamou de sede e, então, dei-lhe de beber minha porção do sono eterno.

Meu coração palpitava de emoção, mas sentia frustração ao vê-lo cair no chão, debatendo-se, espumando, gemendo, morren-

do lentamente. Podia ver em seus olhos o igual desespero de todos os que morrem envenados...

Depois disso, arrastei-o pelos quatro cantos da velha casa azul e, com mais um golpe em trêmulas mãos, terminei o dia. Sentia que seu corpo ainda estava quente.

Voltei para minha casa, deitei do jeito que cheguei e descansei. Imaginação solta para saber o que faria no próximo dia.

O Menino da Minha Rua

Erika Leticia Bezerra da Silva

.....

Ao meio dia, eu apareci meio estranho com um estilo diferente que era de impressionar. Todos olhavam para mim de uma forma estranha, todos tinham medo de mim.

Eu quase não saía com meus amigos, quase não comia, quase não vivia mais. Quando eu usava aqueles grandes brincos, na verdade gigantes, todos olhavam para mim de uma forma bizarra. Aquelas roupas largas e rasgadas eram uma razão para todos se afastarem de mim, ainda com esses grandes sapatos de pregos e rasgados.

Quando andávamos na rua, eu e meus amigos parecíamos uns marginais para aquele povo. Como vou tirar aquele pensamento de louco?

Em um dia, com a lua escura e o mar com as lindas ondas sonoras, eu estava deitado, olhei para o lado e me deparei com uma linda menina com cabelos castanhos e lindo sorriso que parecia uma princesa de tão linda.

Ela se aproximou de mim de uma maneira estranha, leve como uma pena, abraçou-me e parecia que a conhecia há muito tempo com aqueles lindos olhos azuis cor do céu. Ela beijou-me e disse que eu não tivesse medo do mundo, pois todos tinham uma maneira diferente de olhar para ele.

Parei e, de um certo modo, refleti: não preciso agradar a ninguém, apenas preciso agradar a mim, aceitar-me do jeito que sou, pois agradar a todos é muito difícil.

O Charreteiro Que Não Falava Inglês

Victorugo de França Nascimento

.....

Em um belo dia, às 10h45min, saio de minha casa para ir à escola. Ao chegar à casinha, ponto de encontro para a espera do barco com meus colegas e demais estudantes, deparo-me com uma cena muito impressionante: um casal de turistas estava falando com o charreteiro para fazer um passeio turístico, mas, só tinha um pequeno probleminha, o casal de turistas falava inglês e o coitado do charreteiro não entendia nada.

Então o casal chega perto do charreteiro e fala:

– “Good morning”.

E o charreteiro, sem entender nada, fica parado e pensa:

– O que eu vou fazer agora, meu Deus? Ajude-me!

Depois de muito tempo, ele começa a fazer gesto para o casal indicando quanto custava o passeio, por onde começava, por onde passava e onde terminava.

Eu e os demais alunos que estavam presentes caímos na gargalhada. Hahahaha! Acho que o charreteiro pensou que, com gestos, o casal entenderia o que ele estava tentando falar. De repente, escutamos aquela buzina bem alta indicando que já era 11h e o barco já estava prestes a zarpar. Eu e meus colegas corremos em direção ao barco e, quando embarcamos, deixamos o cais e fomos em direção ao Pratasgil, onde todos os carros ficaram estacionados. Ao chegarmos, pegamos a van e partimos em direção ao IFRN - *Campus Macau*.

O Luar

Laércio da Silva Rodrigues Júnior

.....

Eu, numa noite de lua cheia, acordo de madrugada e percebo que está faltando energia. Vou até a sala, abro a janela e vejo um belo luar, a noite está tão linda e tão clara, esta lua parece uma deusa da noite, com o seu brilho ela traz, do fundo do nosso coração, os sentimentos mais lindos que um ser humano pode ter.

Perdidos nas tramas do seu brilho, ela nos faz refletir tudo que aconteceu na nossa vida desde o dia que nascemos.

Pena que um dos fenômenos mais bonitos da natureza aconteça de madrugada para poucas pessoas verem um ser tão belo como as flores de cerejeira de New York. Depois desse dia, eu torço para a chegada da lua cheia para ter as madrugadas mais lindas e belas da minha vida, as pessoas que trabalham na madrugada devem ser as pessoas mais felizes da terra, pois têm a lua como companheira.

Por isso, eu convido você, leitor, para acordar de madrugada e perceber o luar.

A Crônica Sobre a Crônica

Artur Merlin de Souza Andrade

.....

Certo dia, um professor de Língua Portuguesa passou um desafio para nós, alunos: fazer uma crônica, algo que nenhum de nós estávamos preparados a fazer, foi tudo muito confuso. Eu nunca li uma, mas achei que seria muito fácil falar sobre um evento cotidiano e comentar sobre ele, bastava procurar no lugar onde eu vivo alguma coisa que me chamasse atenção, foi o que eu pensei no princípio.

Não foi fácil, pois eu não sentia a inspiração e a incerteza do que falar me castigava pelas noites à procura de ideias. O dia da entrega da crônica chegou e eu não a teria terminado, nem sequer começado e, em meu desespero, me veio uma luz que me tirou da escuridão dos meus pensamentos perdidos sem fundamentos.

Sentei-me e fui cristalizar a minha ideia, tentando seguir tudo o que o professor ensinou sobre como elaborar a crônica. Tinha inspiração, música, sentimento e verdades. Porém, pouco tempo depois, o sentimento havia acabado como aquele caramelo que chega ao fim, deixando um vazio e um desejo de continuar a fazer algo melhor.

“Talvez”

Everton Elias dos Santos

.....

Certo dia, vi um garoto sentado, absorto com um caderno e uma caneta na mão, isolado, sozinho à luz do luar. Tinha no olhar um brilho imensurável, não sei se era alegria ou tristeza, mas já estava a chorar. O que ele fazia ali em plena sexta-feira? Talvez ele estivesse apaixonado, talvez seus pais tivessem se separado, talvez ele tivesse que morar com seus avós, talvez não tivesse passado de ano na escola, talvez tivesse sido traído ou estivesse buscando inspiração para escrever apenas uma crônica.

Sentei ao seu lado e ele continuava a chorar. Sem jeito, perguntei o que se passava com ele, soluçando disse que não era nada. Perguntei quem era ele e me respondeu que era apenas mais um sonhador que sofria por sonhar. Para onde ia? Não me respondeu. Perguntei qual o motivo de tantas lágrimas e me disse que tinha um amontoado de sentimentos que se resumiam em lágrimas, como estava com o caderno e a caneta, perguntei se vinha da escola, e ele me disse que não e que o caderno e a caneta eram para escrever versos que expressavam seus sentimentos. Pedi para ver e dentro do caderno havia lindas poesias que falavam de amor. Ele saiu, entrou em meio à escuridão até que o perdi de vista.

Continuei ali pensando naquele garoto, talvez ele quisesse ser um poeta, um compositor ou talvez um cronista, talvez quisesse somente carinho, talvez quisesse apenas um amor para poder amar, talvez quisesse apenas chorar, talvez fosse tudo isso junto, talvez não fosse nada disso ou talvez ele fosse EU.

Rebelião

Luiz Felipe Carvalho

.....

Era a noite da última sexta-feira, rua da Paz no bairro do Valadão, na cidade de Macau-RN, delegacia de polícia civil. Os presos estavam se aprontando para dormirem, quando ouviram de longe uma sirene da viatura e ficaram surpresos com o barulho.

Ao chegar a viatura com outro preso, se aglomeraram muitos moradores da redondeza, “os curiosos” se perguntando o que tinha acontecido... Surgiu que tinham prendido o estuprador.

Logo os outros presos souberam da notícia e começaram a se revoltar contra o estuprador. Imediatamente, começaram uma rebelião, querendo matá-lo. Ficaram queimando colchões, lençóis e xingando muito o estuprador. Gerou também revolta nos moradores que queriam invadir a delegacia para linchar e “bater” no condenado.

Mas, depois de muita revolta, entraram em acordo com os presos, os moradores e a polícia. Acordo esse que resultou em que o estuprador fosse transferido para outra delegacia de outra cidade, pois, se ele continuasse ali, provavelmente iria morrer. Percebi uma coisa: até os prisioneiros de crime têm seu senso de justiça!

Apenas um Garoto

Lorena Estephany Firmino da Silva

.....

Eu li isto em um livro: “disostose bucomaxilofacial, doença previamente desconhecida, causada pela mutação de um autosomo recessivo no gene TCOF1, localizado no cromossomo 5, complicada por uma microssomia hemifacial característica do espectro óculo-aurículo-vertebral”. [...] Essa é a mutação pela qual o garoto foi acometido. Mutação que acontece durante a gestação e se caracteriza por apresentar visíveis deformidades na mandíbula. Às vezes, é herdada de um dos pais que carrega o gene dominante e, às vezes, acontece por causa da interação de muitos genes, possivelmente combinada a fatores ambientais.

Uma mulher sai às pressas da lanchonete ao ver o garoto e sua mãe entrarem no local. A mãe do menino olhou para ele e sorriu, acho que de alguma forma ela já estava acostumada com esse comportamento. Todos no ambiente olharam para ele e fizeram cara de espanto. A mãe e o garoto se sentaram em uma mesa perto da janela. Quando a garçonete veio pegar o pedido deles, ela fez uma cara de espanto, mas a mãe do garoto ignorou e fez os pedidos. Quando chegou o pedido, o garoto disse:

– Obrigado, moça.

Ela o olhou e disse:

– Disponha – E sorriu para ele gentilmente.

Naquele momento, a garçonete percebeu que ela estava sendo preconceituosa com o menino, que não tinha motivos para ficar com medo do garoto e que ele era igual aos outros meninos da sua idade.

A mãe teve que ajudá-lo a comer, cortou o sanduíche em pedaços pequenos para que ele pudesse engolir. Ao acabarem de comer, eles esperaram a conta, enquanto a mãe brincava com seu filho contando os carros que passavam. Aquele amor maternal era mais forte que tudo, tudo que aquela mãe tinha passado com seu filho, todas as salas de cirurgias, todos os tratamentos e em nenhum momento ela se cansou.

Definitivamente, percebi que o amor de mãe é indestrutível, mais forte que tudo, que uma mãe faz tudo por um filho, capaz de dar a própria vida por ele. E aquela mãe e seu filho são a prova disso.

A Garota Que Amava Paris

Marya Beatriz Costa de Melo

.....

Nas extremidades da Av. Bernardo Vieira, uma garota, com mais ou menos 14 anos, “trabalhava” de flanelinha no sinal.

Suja, maltrapilha e faminta. A mãe morrera pela droga e o “pai” era um estuprador imundo. Quando o movimento dos carros acabava, mendigava comida em bares, tudo que queria era saborear uma lasanha igual à que vira no programa da Ana Maria Braga, numa loja de eletrodomésticos.

Uma vez ou outra, alguém lhe dava uma marmita de restos, aquilo era um banquete completo para quem não tinha um alimento garantido todos os dias.

Às vezes, passava em frente à Riachuelo e se imaginava usando um vestido azul, mas a única coisa que possuía era aquela camisa velha escrita “Eu amo Paris”. Nunca havia saído daquele lugar, nascera na rua, nunca mesmo foi a um aeroporto.

Antes do anoitecer, juntava todos os papéis possíveis para não dormir no relento e na gélida noite. Seu medo era consumir drogas ou ser estuprada como sua mãe, por isso era vigilante.

Numa quinta-feira, a garota sai para procurar mais papéis, os que tinha estavam encharcados pela chuva, não encontrava em lugar nenhum e começou a pensar que aquela noite seria bem mais fria, mas, com sorte, encontrou muitos em um beco, ficou muito feliz até dar de cara com dois homens altos e fortes. Tenta fugir, sem sucesso. Um deles segura seus braços e o outro zomba da forma desesperada que chora. O seu final... só Deus sabe!

O Fracasso

João Vitor Araújo Virgínio

.....

Um pouco antes da copa do mundo, todos apostavam na seleção brasileira, e o país inteiro começou a usar cores, "Verde, amarelo e azul". Todos empolgados e querendo que o Brasil se tornasse o mais novo campeão do mundo. Quase morria de tanta empolgação, quase não parava quieto no canto, ficava pra lá e pra cá no canto da sala esperando o jogo começar, quase arrancava meus cabelos de tanto nervosismo. Os moradores da minha cidade começaram a enfeitar as ruas, praças, entrada da cidade, etc. Então, começou a tão esperada copa do mundo no Brasil, a estreia foi com a seleção canarinho, que todos chamavam a melhor que ia entrar em campo naquele dia contra a Croácia. Diante da televisão, minha família e eu assistíamos a uma das maiores vitórias do Brasil nessa copa, foi a maior alegria para todo povo Brasileiro.

No segundo jogo contra o México, com meus olhos eu queria ver outra grande vitória do Brasil, mas, não foi tão bom quanto o primeiro jogo da seleção. Não teve aquela velha alegria, quando terminou o jogo saímos todos tristes com o empate do Brasil. Esperava que no próximo jogo da seleção fosse melhor. Estávamos certos, no jogo contra Camarões foi a maior vitória da seleção brasileira, como se fosse uma vitória histórica. Foi uma festa imensa em todas as cidades, e esperávamos com ansiedade que, no próximo jogo, a seleção sairia igual ou melhor que jogo passado, o jogo contra o Chile seria a classificação para as quartas de finais. Esse jogo foi um dos mais "arrochados" que o Brasil teve, a seleção venceu nas penalidades e, mesmo assim, ficamos felizes com a classificação do Brasil, foi uma emoção tão grande quan-

to o tamanho do mundo. No jogo das quartas de finais contra a Colômbia, foi mais uma alegria nas cidades do país, vencemos mais uma vez e todos comemorando.

Já no próximo jogo, apostávamos na grande seleção brasileira, todo mundo acreditando mais uma vez em nossa seleção, com um pouco de desespero feito doido, pois a seleção iria jogar contra a grande Alemanha. Porém, quando começou o jogo, começava o massacre contra a nossa querida seleção: levamos gol atrás de gol, o jogo inteiro sofrendo. Eu mesmo, quando o Brasil estava perdendo de 5x0, não queria nem mesmo olhar para a televisão, foi uma tortura para todo o povo brasileiro. O Brasil sofreu a maior derrota em toda a história da seleção, todos transtornados, junto com raiva e tristeza, uns colocavam culpa em jogadores, e outros no técnico, claro que, depois de uma dessa, esse atual técnico vai sair da CBF. O povo brasileiro ficou com um tipo de vergonha, raiva de uma seleção que prometeu tanto a nós.

Paixão de Carnaval

Mariana Ferreira de Sousa

.....

Carnaval combina com festa, curtição, amigos, alegrias e por que não com paixão? Boa parte das pessoas já olhou para alguém num desses dias e achou ter encontrado a sua cara-metade. São histórias assim que valem a pena serem lembradas e relembradas. Recordo-me bem de quando minha amiga achou seu “grande amor”, um moreno alto, com um sorriso largo e encantador que a fez imaginar como seria um casamento com ele. Pena que esse amor durou apenas um carnaval e a quarta-feira de cinzas foi o dia que marcou também o fim dessa história. Há de se pensar que talvez não tenha sido o melhor para os envolvidos...

O ser humano muitas vezes acha que, por ter vivido quatro maravilhosos dias com uma pessoa, a conhece de verdade. Mas o que percebemos é que isso não procede. E com minha amiga não podia ser diferente, o garoto que se mostrou ser a perfeição em pessoa, logo se revelou apenas mais um garoto querendo apenas curtição.

As mulheres têm a mania de achar que qualquer homem que beija bem é o certo para se casar. Por mais que saibam que seja uma coisa incerta, sempre ficam na esperança do reencontro no outro dia, a vontade de ver o parceiro novamente leva-as à decepção, que acontece quando elas descobrem que foi só curtição e que o “amor”, na verdade, era só desejo.

Entretanto, o desejo de encontrar uma pessoa melhor, que não seja só um amor de carnaval, mas um amor eterno, ainda perdura nos corações dos foliões. Afinal, há quem diga que o amor não acontece nos carnavais, mas também ainda há os românticos

de plantão que acreditam que, em meio à folia, há quem consiga tropeçar na alma gêmea.

“Déjà Vu”

Nicolas Queiroz de Araújo

.....

Andando pelas ruas, olhei nos olhos de várias pessoas e percebi que não vejo mais o mundo como eu via quando era só uma criança. Agora, quando eu olho nos olhos delas, consigo ver seus demônios, não vejo mais bondade em quase nada, não sei se hoje em dia as pessoas perderam suas almas, ou se são muito amarguradas ou se eu estou enlouquecendo...

Quando eu chego à escola, vejo as mesmas pessoas como se tivesse sido amaldiçoado, fadado a viver em um *déjà vu*. Chego à sala e não consigo focar minha mente, ideias começam a fluir. Na maioria das vezes, me pego olhando para o nada, pensando naquela garota e no seu lindo rosto, aquele sorriso, até que o professor faz questão de chamar minha atenção.

Final de tarde. Como rotina, todos os alunos voltando para suas casas. No meu caso, eu tenho que pegar um ônibus, e vou caminhando, batendo aquele velho papo com os amigos enquanto observamos o pôr do sol no fim de tarde. Entramos nos ônibus, passamos o caminho todo conversando e contando piadas e histórias, fazendo todos e todas gargalharem.

Eu, particularmente, acho esse um dos melhores momentos do dia. Quando chegamos à cidade, esperamos nosso “ponto” para nos despedirmos.

Chego à “parada”, desço do ônibus, subo o morro da minha casa e chamo a minha irmã. Eu acho que isso é meio estranho, mas ela joga a chave da janela, abro a porta e depois de um dia maçante ainda tenho que subir uma escada.

Vou conversar com minha mãe para me mudar para o andar de baixo, mas isso não vem ao caso, acabo de subir as escadas, me deparo com seis gatos e uma cadela. Minha irmã, como sempre lendo, sem me dar um pingão de atenção e minha mãe dormindo fadada de um longo dia. Tiro a roupa e vou tomar um banho. Enquanto tomo banho, gosto de olhar pela pequena janela do banheiro, só pra observar o horizonte. Saio do banheiro e minha mãe já tem ido pra faculdade, simplesmente entro no quarto, pego o notebook e vou jogar enquanto como e escuto música, até chegar a hora de ir dormir e sonhar com aquela tal garota que eu mencionei no princípio desta crônica. Quando eu acordo, eu lembro que minha vida é praticamente um *déjà vu*.

Amizade à Primeira Vista

Samara Cristina Santos de Andrade

.....

Tudo era tão triste, tão complicado, não conseguia entender porque eu me sentia tão sozinha, porque sentia falta de uma companhia que alegrasse as minhas manhãs, que me fizesse voltar a meus tempos de infância em que tudo era tão encantador, até as coisas inexistentes pareciam existir, pois na minha imaginação tudo era real. Mas, naquela manhã, parecia que tudo havia mudado, o sol brilhava mais forte, o céu estava mais azul, e as pessoas eram mais especiais, as coisas começavam a ter mais sentido para mim. Foi então que recebi um presente da minha avó: estava todo enroladinho e quando olhei me encantei, era uma linda cachorrinha que parecia tão carente e precisando de cuidados. Fui logo chamando-a de Morena por ter a pele da mesma cor do nome.

Morena logo se adaptou ao seu novo lar, e à sua nova família, e passou a alegrar as minhas manhãs. Ela se tornou a minha companhia, e tudo que ela fazia me encantava mais ainda, cada vez mais fui me apegando a ela e já não conseguia me ver sem sua presença.

A cada dia via, aquela cachorrinha crescer mais e mais, uma cachorra que me surpreendia a cada dia, que me fez descobrir sentimento sobre as coisas, e que com suas aptidões fazia coisas inacreditáveis. Em certo dia, resolvi viajar com o coração partido por ter que me distanciar daquele animalzinho que, para mim, parecia mais uma pessoa. Na viagem, tudo o que eu fazia ou via lembrava-me dela, via pessoas passeando com os seus cachorrinhos e logo vinha uma vontade enorme de chorar.

Depois de dias viajando, já não aguentava mais a saudade e resolvi voltar, na esperança de encontrá-la. Sabia que, quando ela me visse, correria para meus braços para me lamber e fazer mimo. Chego à casa e vou logo procurá-la, mas infelizmente não foi como eu esperava, recebo a triste notícia que minha cachorrinha tinha morrido e, como era de se esperar, fiquei abalada, pensando em como alguém teria um coração tão perverso para fazer algo deste tipo: matar um ser tão inofensivo.

Sem conseguir descobrir quem foi, desisti da tentativa. A saudade da minha cachorrinha já não cabia no meu peito, meu coração estava angustiado, mas, aos poucos, tentei me acostumar sem a presença dela. Hoje, ainda guardo seu rosto e suas ações no mais profundo do meu coração com a certeza de que voltarei a revê-la, só não sei onde nem quando, mas de uma coisa tenho certeza: sempre a amarei!

Não é Força, é Fé

Wênnya Natally

.....

O sentimento de perder uma pessoa é horrível, principalmente quando sabemos que ela nunca mais irá voltar. Imagina só aquela pessoa que acompanhou os teus passos desde pequenina, indo embora sem ao menos te dizer adeus, e saber que ela não foi por vontade própria, mas que chegou a hora de partir. E quando a pessoa é levada por uma coisa que, por mais silenciosa que seja, destrói tanto a “nossa” vida... não só a vida de quem partiu, mas de todos os familiares. Eu poderia falar de um assassinato, um suicídio, de qualquer coisa, mas se, no início de minha crônica, eu tivesse falado detalhadamente, saberiam de outra causa que leva as pessoas a sofrerem tanto ou até mesmo a partirem mais cedo: o câncer.

Conheço uma mulher batalhadora que uma vez fez uma tomografia para saber se um tumor que aparecera em sua mama era benigno ou maligno. Confiante de que tudo daria certo, foi ao médico. Tão logo fez o procedimento e o resultado saiu, ela abriu e nem levou ao médico. Infelizmente, o resultado não foi nada do que esperávamos e o desespero desta mulher escorreu em seus olhos. Eu, ao ver como ela se sentia, sofria tanto quanto ela, mas algo dizia dentro de mim: “Esteja sempre com ela, a doença é grave, mas ela é forte e, se sentir seu apoio, ajudará bastante no tratamento”.

Uma vez esta mulher me contou que, quando estava sozinha em casa tentando dormir, ela ficou pensando nesta doença: “o que seria dela?”. Logo veio a depressão para tentar colocá-la para baixo, mas seu instinto forte nunca a deixou cair e

ela sabia que, se enfraquecesse, seus familiares estariam ali para apoiá-la.

Todos os fins de meses, ela ia tomar sua quimioterapia. Nos primeiros dias, ainda estava bem, mas, depois de 3 dias, os remédios faziam efeito e ela logo se acamava. Ela sempre foi, aliás, ela é uma mulher de muita fé, pessoas na cidade morrendo de câncer, mas ela sempre de pé! Eu a admirava muito, sempre orei por ela e continuo orando para que ela possa ser curada, ainda não existe cura, pois existe Deus. Ainda me lembro de quando eu cheguei para ela e falei:

- Nossa, eu te admiro tanto, de onde tiraste tanta força?
- Não é força, filha, é Fé - ela me respondeu.

Eu acho que isso resume tudo!



WEBER FIRMINO ALVES

Licenciado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2008), Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP, 2013), Mestre em Literatura e Interculturalidade (UEPB, 2011). Atuou como professor convidado em diversos seminários teológicos da Paraíba. Foi professor de Língua Portuguesa durante cinco anos (2010-2014) na Secretaria de Educação de Remígio-PB, lecionando na Escola de Ensino Fundamental Estanislau Eloy, no mesmo município; durante dois anos (2012-2014), pertenceu ao quadro efetivo da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, ensinando Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Irineu Joffily, em Esperança-PB. Em 2014, tornou-se professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), nos Campi Macau e São Paulo do Potengi. No ano de 2015, passou a atuar na mesma função no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), no Campus Picuí, onde leciona atualmente. Desenvolve pesquisas focando os seguintes temas: Literatura Brasileira, Memória e Religião.



MAGDA RENATA MARQUES DINIZ

Possui graduação em Letras/Língua Portuguesa e Literaturas (2004), especialização em Ensino/Aprendizagem de Língua Portuguesa (2007), mestrado em Estudos da Linguagem (2013) e doutorado, em andamento, também em mesma área de concentração, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Sua experiência profissional é na área de Ensino de Língua Portuguesa, Formação de Professores e Identidade Cultural, atuando no Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. É integrante destes grupos de pesquisa registrados no CNPq: Grupo de Estudos da Linguagem, Memória, Identidade e Território e Práticas Discursivas na Contemporaneidade.



JOILZA XAVIER CORTEZ

Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1995), especialista em Ensino/Aprendizagem de Língua Portuguesa (2007), Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa (2010) e em Leitura e Produção de Textos (2012) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mestra em Linguística Prática e Teórica (2015) pela mesma instituição. Professora de Língua Portuguesa da rede particular de ensino no Rio Grande do Norte de 1994 até os dias atuais. Durante 2013 e 2014, foi professora substituta de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte no *Campus* Macau. Atualmente, além de lecionar na rede privada de ensino, desenvolve atividades como consultora pedagógica e participa de grupo de pesquisa em desenvolvimento de provas em grande escala.



RAFAEL RUBENS DE MEDEIROS

Licenciado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) no ano de 2007, mestre em Literatura e Interculturalidade (UEPB, 2011) e atualmente doutorando no mesmo programa da UEPB. Professor de Língua Portuguesa da rede estadual durante o período de 2009 a 2014 na Escola Estadual Joana Emília da Silva do município de Fagundes e na Escola Estadual Monsenhor Salles entre 2013 e 2014. Tornou-se, em 2014, professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte no *Campus* Macau, transferindo-se em 2015 para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba no *Campus* Monteiro, onde atualmente leciona e desenvolve atividades na coordenação de comunicação institucional do Campus. É pesquisador na área de literatura e cultura, desenvolvendo estudos sobre biopoesia, além de escritor, tendo lançado o livro de poemas *Sétimo Sentido*, no ano de 2011.



TACICLEIDE DANTAS VIEIRA

Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN, 2011), com experiência de intercâmbio na Universidade de Coimbra/Portugal (2010 – 2011). Especialista em Teorias e Estudos sobre a Linguagem (2013) e mestra em Estudos da Linguagem (2014), também pela UFRN, onde cursa doutoramento atualmente. Atuou como professora substituta de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - *Campus Caicó* (IFRN, 2012) e na UFRN (2013-2014). Em 2014, tornou-se professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do quadro efetivo do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFRN, exercendo, inicialmente, suas atividades no *Campus Macau*. Pesquisadora concentrada na Linguística Aplicada, tem experiência na área de Letras, com ênfase em ensino de língua materna, leitura e produção de textos.



O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte iniciou, em 1985, suas atividades editoriais. Nesse período, essas atividades limitavam-se a publicações de revistas científicas (inicialmente, a revista EFRN que, em 1999, tornou-se a revista Holos).

Em 2004, foi criada a Diretoria de Pesquisa, atual Pró-reitoria de Pesquisa e Inovação, que fundou, em 2005, a Editora do IFRN. A Editora nasceu do anseio dos pesquisadores da Instituição que necessitavam de um espaço mais amplo para divulgar suas pesquisas à comunidade em geral.

Com financiamento próprio ou captado junto a projetos apresentados pelos núcleos de pesquisa, seu objetivo é publicar livros das mais diversas áreas de atuação institucional, bem como títulos de outras instituições de comprovada relevância para o desenvolvimento da ciência e da cultura universal, buscando, sempre, consolidar uma política editorial cuja prioridade é a qualidade.



WEBER FIRMINO ALVES,

mestre em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), licenciado em Letras pela mesma instituição e bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

MAGDA RENATA MARQUES DINIZ,

doutoranda em Estudos da Linguagem, mestra também nessa área, especialista em Ensino/Aprendizagem de Língua Portuguesa e licenciada em Letras/Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

JOILZA XAVIER CORTEZ,

mestra em Estudos da Linguagem, especialista em Leitura e Produção de Textos e licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

RAFAEL RUBENS DE MEDEIROS,

doutorando em Literatura e Interculturalidade, mestre no mesmo programa e licenciado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

TACICLEIDE DANTAS VIEIRA,

doutoranda e mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), especialista em Teorias e Estudos sobre a Linguagem e licenciada em Letras pela mesma instituição.

Crônicas salineiras constitui o volume de textos realizados por alunos e professores de Língua Portuguesa do IFRN - Campus Macau e selecionados por esses mesmos “construautores” deste livro. Tal projeto surgiu em 2014 quando a escola se inscreveu e participou da IV Olimpíada de Língua Portuguesa, promovida pelo Ministério de Educação. Na ocasião, a partir do genérico tema O Lugar Onde Vivo, além de outros gêneros textuais, deveriam ser produzidas crônicas que registrassem as particularidades locais a partir das vivências pessoais dos autores. Eram dados ali os primeiros passos para a consecução do objetivo maior: a produção de um livro com essas crônicas – feitas de sal, seja o sal da maresia típica do lugar, seja do suor ou das lágrimas de quem escreve e sempre derrama no papel um pouco de seu próprio eu.

O título do livro já remete à identidade da “cidade do sal”, como Macau é nacionalmente conhecida – por se localizar numa região produtora de sal marinho – que tantas vezes maravilha os olhos de quem não conhece pela imensidão de suas montanhas brancas. É, portanto, nesse solo que se frutifica a verve dos autores que aceitaram o desafio de desenhar seus olhares subjetivos em forma de crônicas.



IFRN
Editora



9 788583 332138

ABEU
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS